Guiné-Bissau Educação

Fichas técnicas | 2021

Análises para aprendizagem e equidade usando dados MICS

MICS-EAGLE

unicef

para cada criança

GPE KIX

KNOWLEDGE INNOVATION EXCHANGE

Reconhecimentos

A Ficha Informativa de Educação da Guiné-Bissau de 2021 produzido pela Direção Geral de Estatística, Planeamento e Avaliação do Sistema Educativo (GEPASE) do Ministério da Educação, UNICEF Nova York e UNICEF da Guiné-Bissau.

Direção Geral de Estatística, Planeamento e Avaliação do Sistema Educativo (GEPASE), Sr. Mamadu Saliu Jassi.

UNICEF New York e outros escritórios

Suguru Mizunoya, Margaret Kelly, Yixin Wang e Diogo Amaro da equipa de Educação na seção de Dados e Analítica Divisão de Dados, Analítica Planejamento e Monitoramento entre outros apoiantes.

UNICEF Guiné -Bissau

Sr. Mamadou Salialiou Bah, Chefe, Seção de EDUCAÇÃO; Sr. Bessa Vítor da Silva, Especialista em Estatística e Acompanhamento; Sra. Lucy Monteiro, Especialista em Educação; Sra. Lígia Baldé, Oficial de Educação da Qualidade e Sra. Carla Jauad, Oficial de Desenvolvimento da Primeira Infância.

Gostaríamos de expressar a nossa mais profunda gratidão ao ministro do governo e seus representantes da Guiné-Bissau que participaram no projeto MICS-EAGLE em 2021, que sem o vosso apoio esta iniciativa não poderia ter avançado.

Este trabalho foi apoiado pela Parceria Global para o Intercâmbio de Conhecimento e Inovação em Educação, um esforço conjunto com o Centro de Pesquisa de Desenvolvimento Internacional, Canadá.

O objetivo da publicação desta Ficha Informativa produzida pelo Escritório do UNICEF na Guiné-Bissau é cumprir um compromisso corporativo com a transparência através da publicação de todas as pesquisas concluídas. O folheto informativo foi elaborado para estimular a livre troca de idéias entre os interessados no tema e para garantir aos que apóiam o trabalho do UNICEF que ele examina rigorosamente as suas estratégias, resultados e eficácia global.

O conteúdo da Ficha Informativa não reflete necessariamente as políticas ou opiniões do UNICEF.

O texto não foi editado de acordo com os padrões de publicação oficial e o UNICEF não se responsabiliza pelos erros.

As designações nesta publicação não implicam uma opinião sobre a situação jurídica de qualquer país ou território, ou de suas autoridades, ou a delimitação de fronteiras.

Os direitos autorais deste documento pertencem ao Fundo das Nações Unidas para a Infância. É necessária permissão para reimprimir / reproduzir / fotocopiar ou de qualquer outra forma para citar este manual por escrito. O UNICEF tem uma política formal de permissão que exige o envio de um pedido por escrito. Para usos não comerciais, a permissão será normalmente concedida gratuitamente.

Citação sugerida: UNICEF Guiné-Bissau. 2021. Guiné-Bissau Fichas técnicas de educação 2021: Análises para aprendizagem e equidade usando o MICS da Guiné-Bissau

Crédito das fotos:

Capa: ©UNICEF Guiné-Bissau/2020/Prinsloo
Página 4: ©UNICEF Guiné-Bissau/2020/Prinsloo
Página 7: ©UNICEF Guiné-Bissau/2020/Prinsloo
Página 8: ©UNICEF Guiné-Bissau/2020/Prinsloo
Página 8: ©UNICEF Guiné-Bissau/2020/Prinsloo
Página 10: ©UNICEF Guiné-Bissau/2020/Prinsloo
Página 13: ©UNICEF Guiné-Bissau/2020/Prinsloo
Página 14: ©UNICEF Guiné-Bissau/2020/Prinsloo
Página 18: ©UNICEF Guiné-Bissau/2020/Prinsloo
Página 20: ©UNICEF Guiné-Bissau/2020/Prinsloo
Página 21: ©UNICEF Guiné-Bissau/2020/Prinsloo
Página 27: ©UNICEF Guiné-Bissau/2020/Prinsloo
Página 30: ©UNICEF Guiné-Bissau/2020/Prinsloo
Página 32: ©UNICEF Guiné-Bissau/2020/Prinsloo
Página 35: ©UNICEF Guiné-Bissau/2020/Prinsloo
Página 38: ©UNICEF Guiné-Bissau/2020/Prinsloo
Página 41: ©UNICEF Guiné-Bissau/2020/Prinsloo
Página 43: ©UNICEF Guiné-Bissau/2020/Prinsloo

Índice

Introdução 5

Tema 1: Taxas de conclusão 6

Tema 2: Habilidades básicas de aprendizagem 12

Tema 3:Crianças fora da escola 18

Tema 4: Frequência escolar e desenvolvimento na primeira infância 24

Tema 5: Repetição, abandonos e não transição 29

Tema 6: Proteção da infância 34

Tema 7: Educação inclusiva 37

Tema 8: Educação à distância 39

Introdução

O que é o MICS?

Em 1995 o UNICEF lançou Pesquisas de Grupos de Indicadores Múltiplos (MICS) para monitorar a situação das crianças ao redor o mundo. Nos últimos vinte e seis anos, esta pesquisa domestica tornou-se a maior fonte de dados estatisticamente sólida e internacionalmente comparável nas mulheres e crianças por todo o mundo, e mais de 330 Pesquisas MICS foram realizadas em mais de 115 países.

As pesquisas MICS são efetuadas por trabalhadores de campo qualificados em realizar entrevistas presenciais com membros da família sobre uma variedade de tópicos. O MICS foi uma importante fonte de dados para os indicadores dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio e continua a reportar mais de 150 indicadores de Objetivos de Desenvolvimento Suntentável (ODS) em apoio a Agenda de Desenvolvimento Sustentável 2030.

O MICS sofreu várias atualizações com integração de perguntas novas e aperfeiçoadas. Em 2017 foi distribuído a versão atual do MICS e a mesma esta a ser implementada em 58 países. O MICS6 inclui novos módulos que rastreiam indicadores SDG4 relacionados à educação, tais como a aprendizagem (ODS4.1.1), o Desenvolvimento e Educação na Primeira Infância (SDG4.2.1 e SDG4.2.2), informações e habilidades de tecnologia de comunicação (ICT SDG4.4.1) e o funcionamento infantil (deficiência infantil SDG4.5.1), bem como o envolvimento dos pais na educação.

O que é o MICS-EAGLE?

O UNICEF lançou o MICS-EAGLE (Análise de Educação para Aprendizagem Global e Equidade) em 2018 com o objetivo de melhorar os resultados de aprendizagem e questões de equidade na educação, abordando assim duas lacunas de problemas de dados educacionais críticos em indicadores-chave de educação, bem como a falta de utilização eficaz de dados por parte dos governos e parceiros da educação. MICS-EAGLE é projetado para:

- Apoiar a análise da situação do setor da educação e o desenvolvimento do plano do setor através do fortalecimento da capacidade nacional e do aproveitamento da vasta riqueza de dados educacionais obtidos pelo MICS6;
- Utilizar os dados global fornecido pelo MICS6 (Multiple Indicator Cluster Surveys - Pesquisas de Grupos de Indicadores Múltiplos) para gerar conhecimentos em nível nacional, regional e global sobre maneiras de garantir que cada criança alcance todo o seu potencial reduzindo as barreiras às oportunidades.

O que é criação de perfil?

Uma das características desta ficha técnica é a criação de perfil. O perfil ilustra as características demográficas e socioeconômicas das crianças em uma determinada categoria. A criação de perfil responde a perguntas como "que porcentagem de um grupo da população-chave é do sexo masculino e que porcentagem é do sexo feminino?" ou "que porcentagem de um grupo de população chave vive em áreas rurais e que porcentagem vive em áreas urbanas?" Como os perfis examinam todas as crianças de um grupo da população-chave, a soma das várias características sempre chega a 100 por cento. Por exemplo, um perfil de crianças que não concluem o 3º ciclo básico evidenciará quais são as principais características das crianças no grupo da população chave para este indicador. Na Guiné-Bissau, uma em cada dez crianças de 36 a 59 meses de idade frequenta a educação da pequena Infância. Entre os meios de residência, a taxa líquida de frequência para pequena Infância, é mais elevada entre as crianças residentes no meio urbano (40%) comparativamente a 5% entre as crianças residentes no meio rural. Verificando as taxas Líquida de frequência ajustada, tanto para o 1º ciclo básico, assim como para o 3º ciclo básico e secundário, o Sector Autónomo de Bissau (SAB), apresenta as taxas mais elevadas, respetivamente 85%, 17% e 20%, enquanto que a região Oio detém as mais baixas taxas 51% para o 1º ciclo básico; 3% para o 3º ciclo básico; e 1% para o ensino secundário.

No que diz respeito a taxa de conclusão nacional, o 1º ciclo básico é de 27%, sendo que ela é maior no meio urbano, com 47%, comparativamente ao meio rural com 14%. Enquanto que a conclusão do 3º ciclo básico, que é de 42% a nível nacional, o meio urbano apresenta 31% enquanto que o meio rural 7%. A percentagem de crianças com idade para o 1º ciclo básico fora de escola é de 28%. Em relação às crianças com idade de frequentar o 3º ciclo básico, 23% estão fora da escola. A razão de homens e mulheres no ingresso ao 1º ciclo básico, no que diz respeito a frequência ajustada no 1º ciclo básico é de 1 homem para 0.9 mulheres. Enquanto que a frequência ajustada no 1º ciclo básico, a relação é de 1 criança do meio urbano para 0.3 crianças do meio rural. Quanto ao ingresso no 3º ciclo básico, no que diz respeito a frequência ajustada no 3º ciclo básico segundo o meio de residência, a relação é de 1 criança do meio urbano para 0.2 crianças do meio rural.

Como esta estruturada esta ficha informativa?

A iniciativa MICS-EAGLE oferece atividades em nível nacional, regional e global. Os sete tópicos listados abaixo são analisados através de uma lente de equidade (gênero, status socioeconômico, etnia, etc.):

Acesso à conclusão

Habilidades
(resultados de aprendizagem, habilidades de TIC e taxa de alfabetização)

Educação Inclusiva
(com focus na deficiência)

Aprendizagem precoce

Crianças fora da escola

Repetição e desistências
(eficiência interna)]lo0l9’90

Proteção infantil
(trabalho infantil e casamento infantil)

Educação à distância

Tema 1 Taxas de conclusão

Perguntas de orientação

1. Em que nível de ensino a taxa de conclusão é a mais baixa?
2. Quais são as características das crianças que não concluem cada nível de ensino?
3. Quais regiões têm as taxas de conclusão mais baixas em cada nível?
4. Qual é o perfil das crianças que não concluem cada nível de ensino?

Resumo

FIGURA 1 Resumo das taxas de conclusão

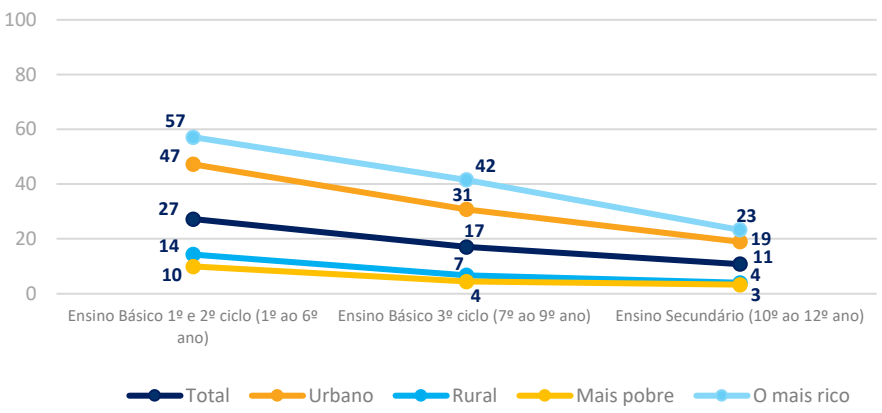


FIGURA 2 Taxas de conclusão nos 1º e 2º ciclos do ensino básico

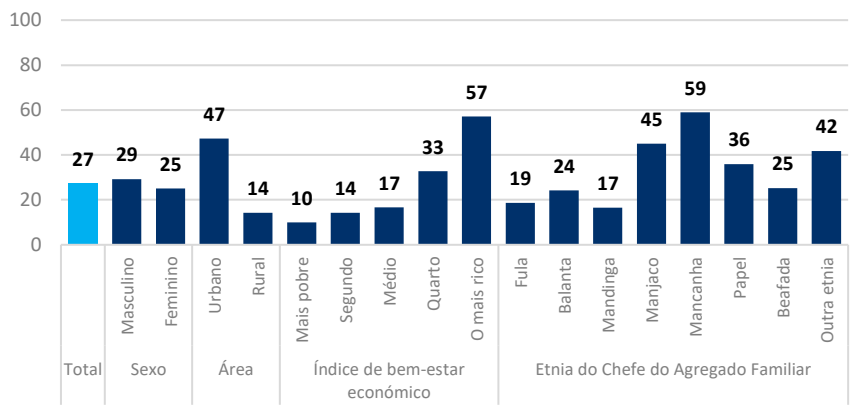


FIGURA 3 Taxas de conclusão no 3º ciclo de ensino básico

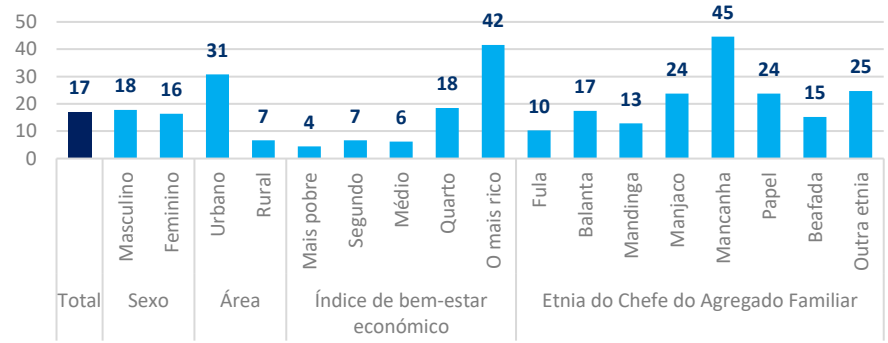
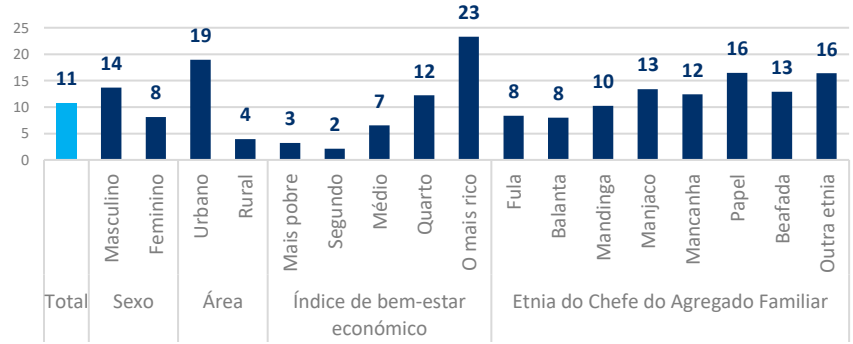


FIGURA 4 Taxas de conclusão do ensino secundário



Conclusões

- As taxas de conclusão diminuem a cada nível educativo na Guiné-Bissau. Em média 27 por cento das crianças concluem os primeiros ciclos do ensino básico (1º e 2º), 17 por cento o último ciclo (3º ciclo) e apenas 11 por cento o nível secundário. Para além das baixas taxas de conclusão, há fortes desigualdades no país, sobretudo ligadas ao nível de riqueza dos agregados familiares, local de residência, género e etnia das crianças. A cada nível de educação, as taxas de conclusão são mais elevadas para crianças que vivem no meio urbano, com famílias mais ricas e para algumas etnias em particular, como por exemplo a etnia Mancanha que tem uma taxa de conclusão de 59 por cento no 1º e 2º ciclos do ensino básico, sendo que a média nacional é de 27 por cento. É no nível secundário que as desigualdades se tornam mais importantes. A taxa é de 16 por cento para a etnia Papel, comparado com os 11 por cento a nível nacional. A diferença entre os mais ricos e mais pobres chega a 20 pontos percentuais e é de 15 pontos percentuais quando se refere às áreas urbanas e rurais.

Desagregação regional

FIGURA 5 Taxas de conclusão nos 1º e 2º ciclos do ensino básico

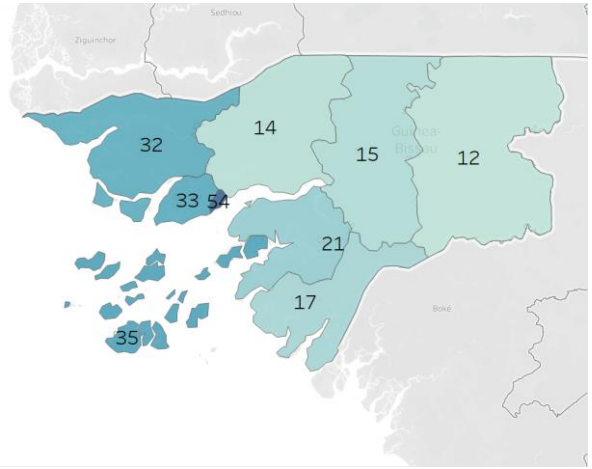


FIGURA 6 Taxas de conclusão do ensino secundário 1º ciclo

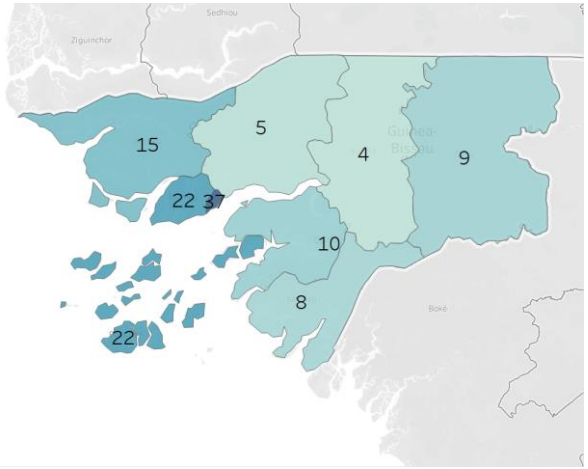
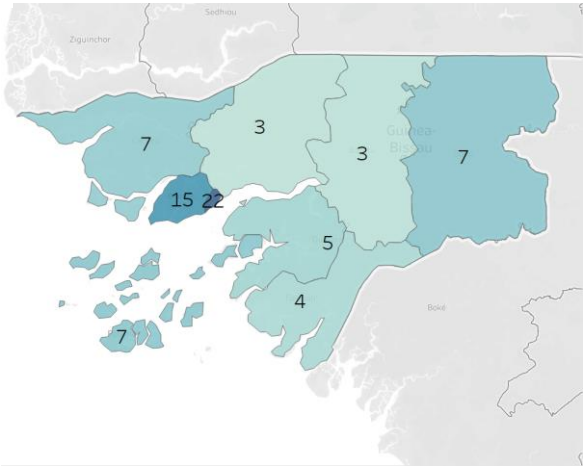


FIGURA 7 Taxas de conclusão do ensino secundário 2º ciclo



Perfil das crianças que não concluíram

FIGURA 8 Perfil das crianças que não concluíram, por sexo

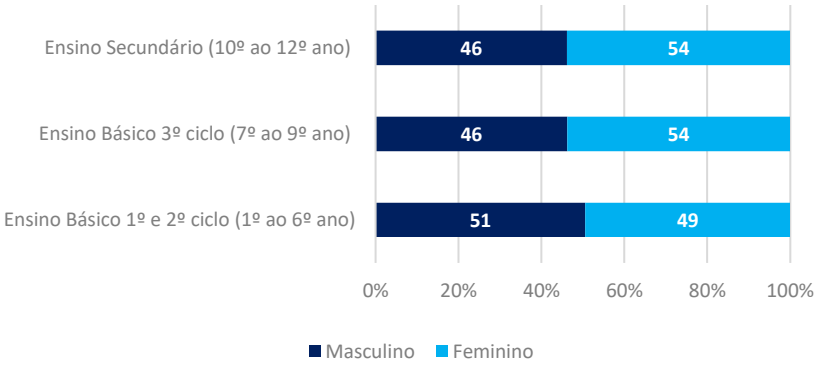


FIGURA 9 Perfil das crianças que não concluíram, por área

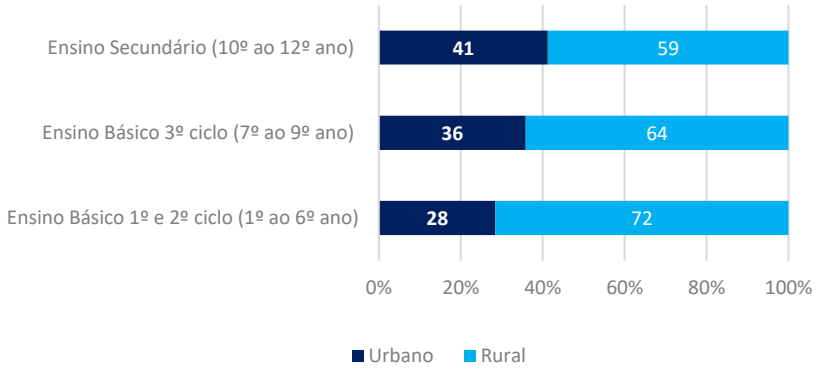
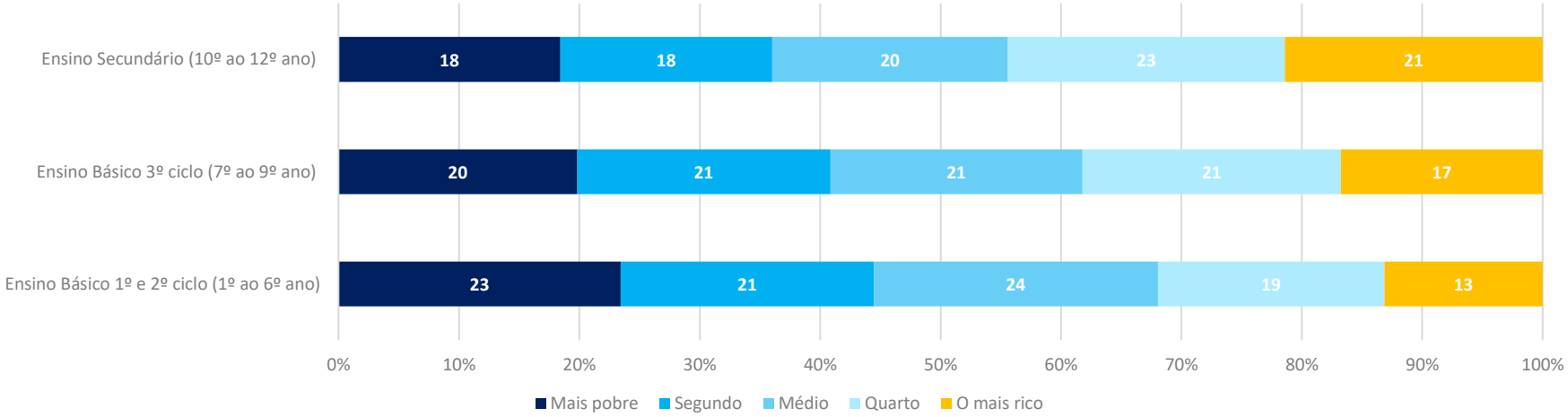


FIGURA 10 Perfil das crianças que não concluíram, por Índice de bem-estar económico



Perfil das crianças que não concluíram

FIGURA 11 Perfil das crianças que não concluíram, por região

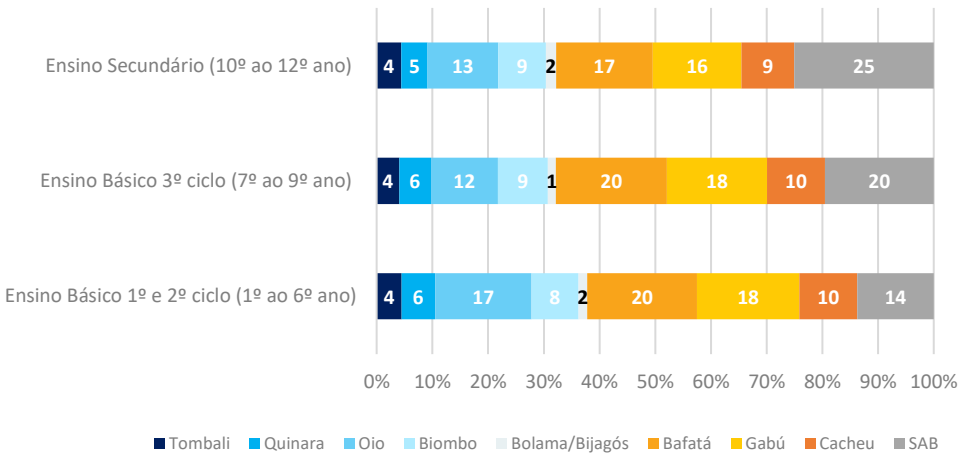
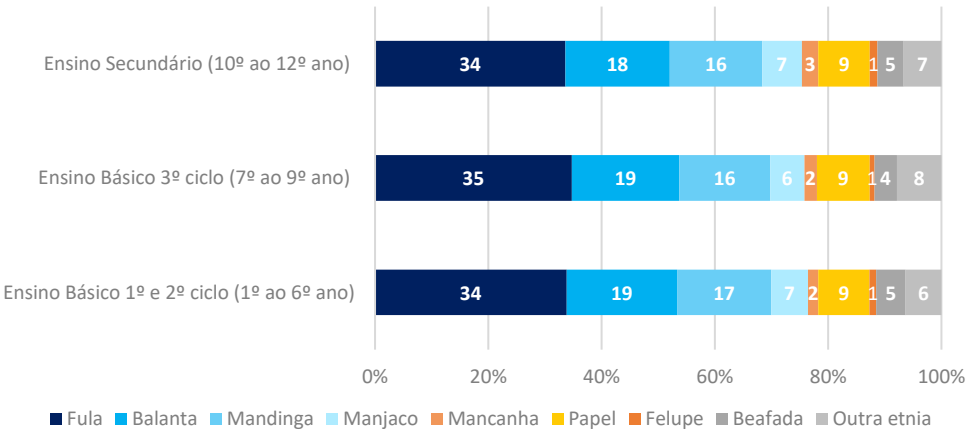


FIGURA 12 Perfil das crianças que não concluíram, por etnia



Conclusões

Existem mais meninas que meninos a não concluirem os vários níveis de ensino entre o básico e o secundário. Comparativamente a zona de residência, existem mais crianças de zona rural a não concluirem. No caso do 1º e 2º ciclo do ensino básico, sete em cada dez crianças que não o concluíram residem na zona rural. Em termos de nível económico, crianças que vivem nos quintis mais pobres são a maioria entre as crianças que não concluem. As crianças das etnias Fula, Balanta e Madinga estão entre as que têm maior probabilidade de não concluir cada nível de educação.

TABELA 1. Taxas de conclusão e número de crianças que não concluíram por características socioeconómicas

		Taxas de conclusão (%)			Número de crianças que não concluíram		
		Básico	Secundário 1º ciclo	Secundário 2º ciclo	Básico	Secundário 1º ciclo	Secundário 2º ciclo
Total		**27**	**17**	**11**	**93 000**	**98 000**	**97 000**
Sexo	Masculino	29	18	14	47 000	45 000	45 000
	Feminino	25	16	8	46 000	53 000	52 000
Área	Urbano	47	31	19	26 000	35 000	40 000
	Rural	14	7	4	67 000	62 000	57 000
Índice de bem-estar económico	Mais pobre	10	4	3	22 000	19 000	18 000
	Segundo	14	7	2	20 000	20 000	17 000
	Médio	17	6	7	22 000	21 000	19 000
	Quarto	33	18	12	18 000	21 000	22 000
	O mais rico	57	42	23	12 000	16 000	21 000
Região	Tombali	17	8	4	4 000	4 000	4 000
	Quinara	21	10	5	6 000	6 000	5 000
	Oio	14	5	3	16 000	12 000	12 000
	Biombo	33	22	15	8 000	9 000	8 000
	Bolama/Bijagós	35	22	7	1 000	1 000	2 000
	Bafatá	15	4	3	18 000	20 000	17 000
	Gabú	12	9	7	17 000	17 000	15 000
	Cacheu	32	15	7	10 000	10 000	9 000
	SAB	54	37	22	13 000	19 000	24 000
Etnia do Chefe do Agregado Familiar	Fula	19	10	8	32 000	34 000	33 000
	Balanta	24	17	8	18 000	19 000	18 000
	Mandinga	17	13	10	15 000	15 000	16 000
	Manjaco	45	24	13	6 000	6 000	7 000
	Mancanha	59	45	12	2 000	2 000	3 000
	Papel	36	24	16	8 000	9 000	9 000
	Felupe	(43)	(31)	(16)	1 000	1 000	1 000
	Beafada	25	15	13	5 000	4 000	4 000
	Outra etnia	42	25	16	6 000	8 000	7 000

Tema 2 Habilidades básicas de aprendizagem

Perguntas de orientação

1. Em que ano a maioria das crianças adquire habilidades básicas de aprendizagem (medida ao nível do 2º/3º ano de escolaridade)?
2. Quais as características associadas a maiores percentagens de habilidades de leitura e cálculo?
3. Que parcela de cada grupo de jovens é alfabetizada e que parcela possui habilidades em TIC?
4. Qual é o perfil das crianças que não estão a aprender?

Habilidades básicas de aprendizagem em leitura e cálculo medidas nos 2º e 3º anos de escolaridade

FIGURA 13 Proporção de crianças com habilidades básicas em leitura e cálculo, por ano de escolaridade

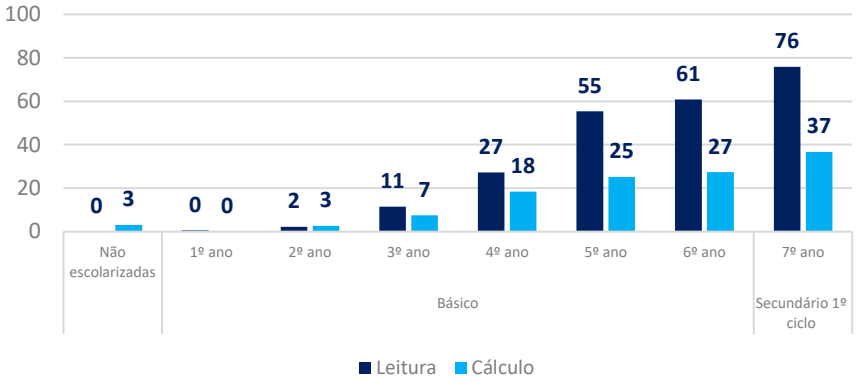


FIGURA 14 Proporção de crianças com habilidades básicas em leitura

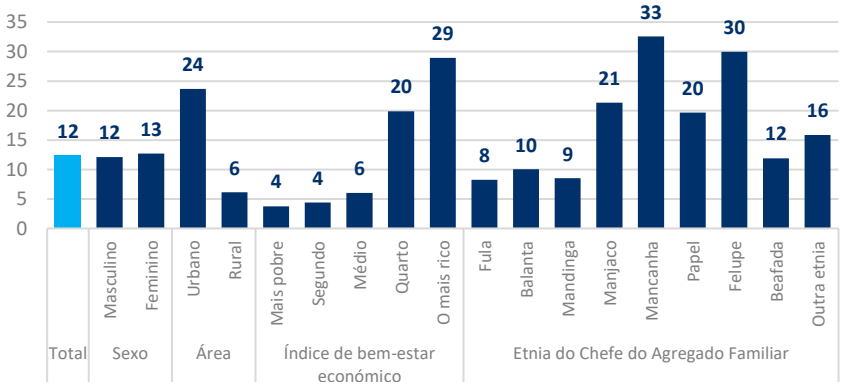
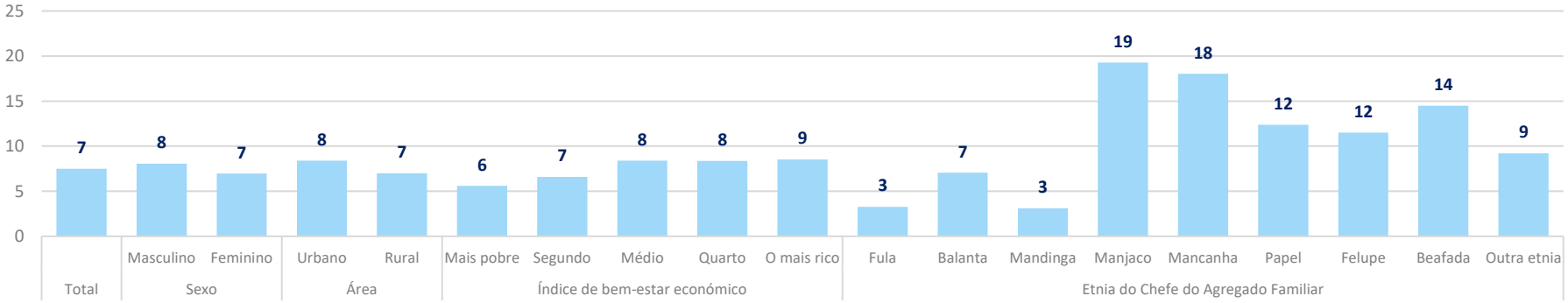


FIGURA 15 Proporção de crianças com habilidades básicas em cálculo



Conclusões

- Tanto na leitura, como no cálculo, o níveis de competências das crianças em Guiné-Bissau é relativamente baixo. Apenas 12 por cento das crianças têm habilidades básicas em leitura e apenas 7 por cento em cálculo. Entre as crianças que frequentam o terceiro ano de escolaridade, no qual os conteúdos de cálculo e leitura usados no teste são ensinados, apenas 11 por cento das crianças têm competências de leitura e 7 por cento de cálculo. No entando, as crianças que continuam na escola acabam por aprender. Por exemplo, no sétimo ano de escolaridade, três a cada quatro crianças têm competências de leitura (76 por cento).

- Há fortes desigualdades no aprendizado, especialmente em leitura. Apesar de meninos e meninas terem níveis de competências similares tanto em leitura quanto em cálculo, crianças de meio rural, mais pobres ou que fazem parte das três maiores etnias têm níveis de aprendizado inferior. Por examplo, a proporção de crianças com habilidades de leitura é quatro vezes maior em meio urbano (24 por cento) que rural (6 por cento). Entre os mais ricos e os mais pobres há 25 pontos percentuais de diferença (29 por cento entre os mais ricos e 4 por cento entre os mais pobres).

Desagregação regional

FIGURA 16 Habilidades básicas de cálculo, de 7 a 14 anos

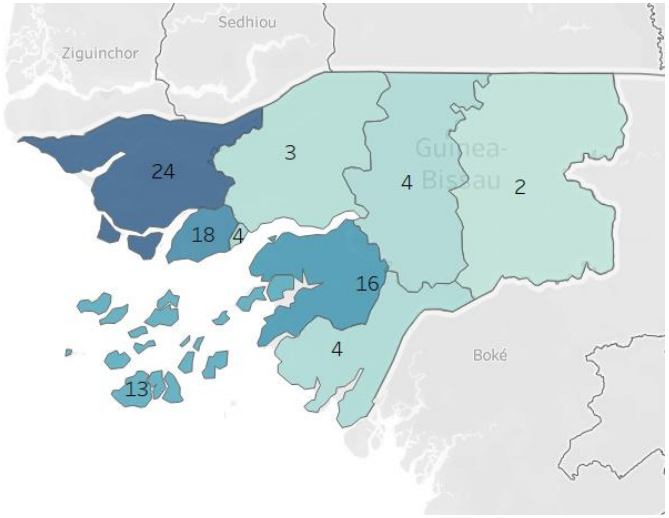
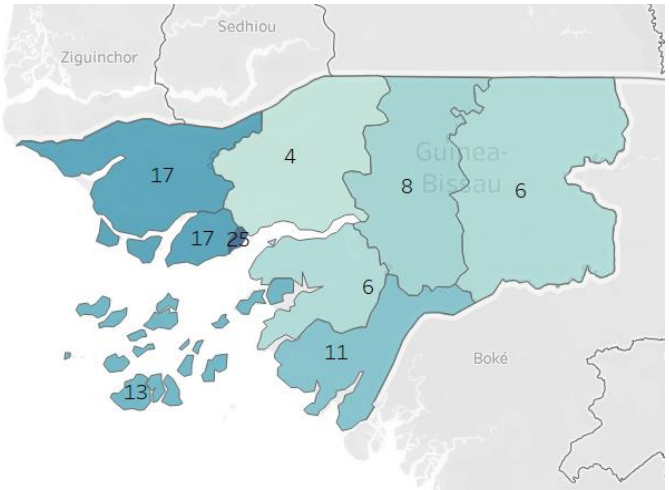


FIGURA 17 Habilidades básicas de leitura, de 7 a 14 anos



Alfabetização e competências em TIC entre jovens de 15 aos 24 anos

FIGURA 18 Alfabetização de jovens dos 15 aos 24 anos

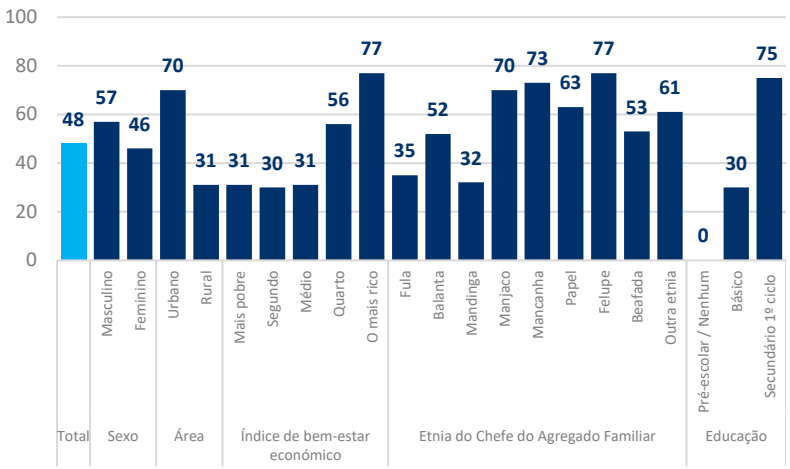
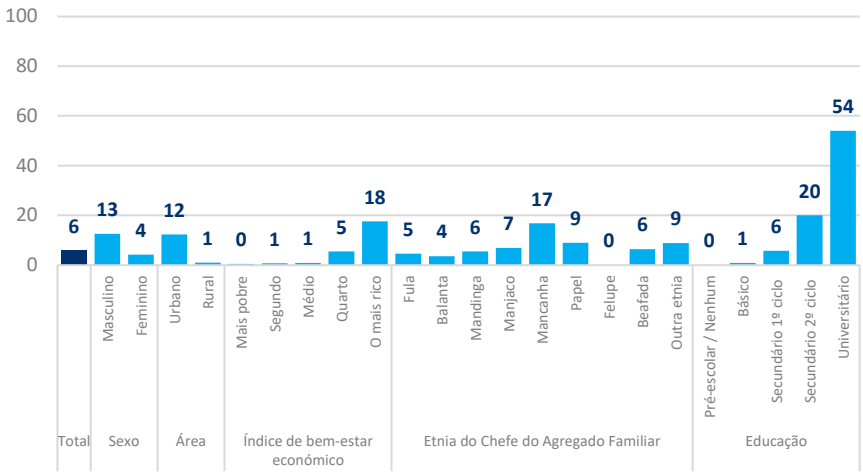


FIGURA 19 Competências em TIC de jovens dos 15 aos 24 anos



Conclusões

- Quase metade dos jovens da Guiné-Bissau são alfabetizados (48 por cento) e a taxa é superior entre os jovens do sexo masculino (57 por cento) comparado aos do sexo feminino (46 por cento). Há fortes desigualdades por área de residência e quintil económico, sendo que os mais ricos ou os que vivem em região urbana têm taxas mais elevadas. Algumas etnias também aparecem como tendo taxas de alfabetização inferior. Apenas 35 por cento da etnia Fula e 32 por cento da etnia Mandinga são alfabetizados. É importante notar que nenhum jovem que não frequentou a escola é alfabetizado e apenas 30 por cento dos jovens cujo nível de ensino mais alto é o básico, são alfabetizados. Isto demonstra a grande importância da frequência escolar para a alfabetização.

- O nível de competências em TIC no país é relativamente baixo - no total apenas 6 por cento dos jovens têm essas competências. Contudo, entre os jovens mais ricos, 18 por cento possuem competências em TIC. Jovens da etnia Mancanha também têm taxas superiores (17 por cento) à média (6 por cento). Finalmente, também se nota a importância decisiva da educação sendo que jovens mais escolarizados têm maior nível de TIC.

Perfil das crianças dos 7 aos 14 anos que não têm adquiridas as competências básicas da leitura e cálculo

FIGURA 20 Por sexo

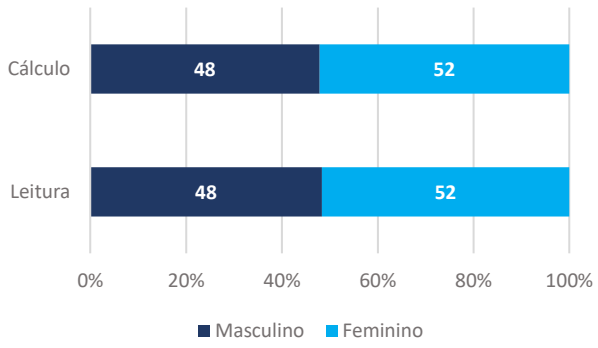


FIGURA 21 Por área

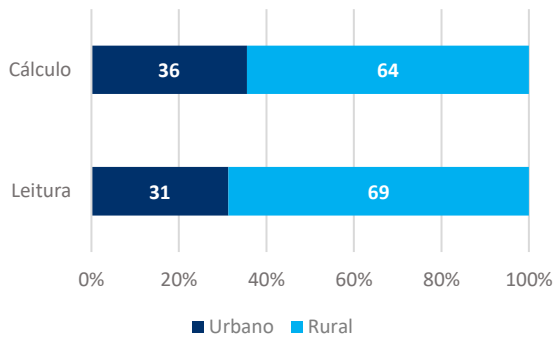


FIGURA 22 Por índice de bem-estar

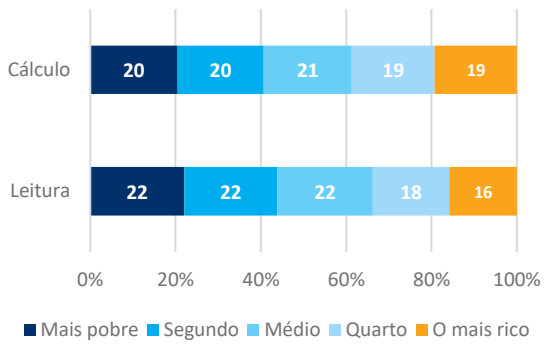


FIGURA 23 Por distrito

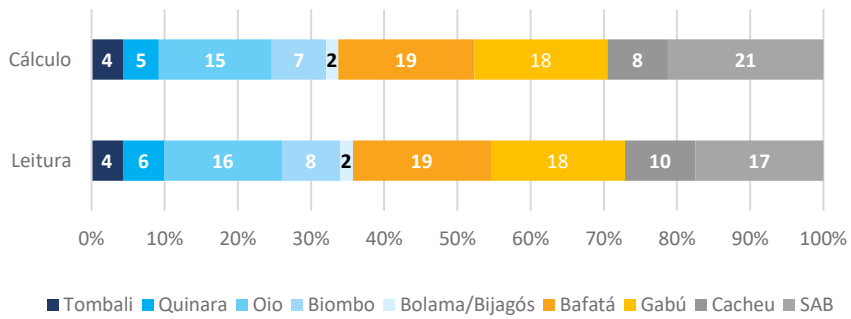
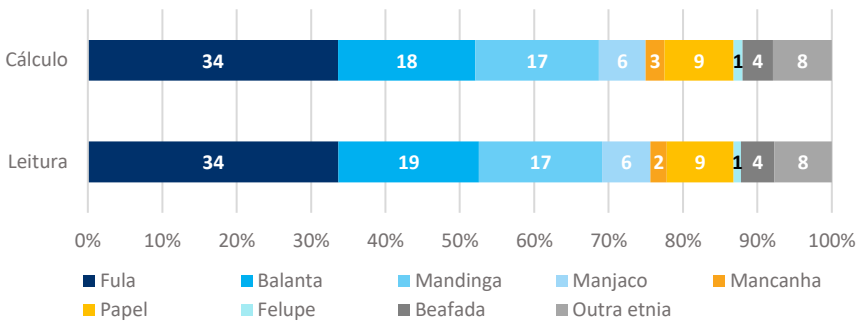


FIGURA 24 Por etnia



Conclusões

- Há um número de meninos ligeiramente superior ao de meninas entre o total de crianças que não possuem habilidades básicas de leitura e cálculo (48 por cento versus 52 por cento). No entando, há uma sobre-representação mais clara entre os meios rural e urbano. Aproximadamente duas a cada três crianças sem as ditas competências vivem em meio rural e apenas uma em meio urbano (64-69 por cento em meio rural e 36-31 por cento em meio urbano). Apenas duas etnias, Fula e Balanta, contém mais da metade de todas as crianças sem habilidades básicas de leitura e cálculo no país.

TABELA 2. Habilidades básicas -- proporções & contagem por várias caraterísticas socioeconómicas

		Proporção de crianças de 7 a 14 anos que não tem habilidades básicas		Contagem de crianças que não tem habilidades básicas	
		Leitura	Cálculo	Leitura	Cálculo
Total		**88**	**93**	**344 000**	**364 000**
Sexo	Masculino	88	92	166 000	174 000
	Feminino	87	93	178 000	190 000
Área	Urbano	76	92	108 000	130 000
	Rural	94	93	236 000	234 000
Índice de bem-estar económico	Mais pobre	96	94	76 000	74 000
	Segundo	96	93	75 000	73 000
	Médio	94	92	77 000	75 000
	Quarto	80	92	62 000	71 000
	O mais rico	71	91	55 000	70 000
Região	Tombali	89	96	15 000	16 000
	Quinara	94	84	20 000	18 000
	Oio	96	97	55 000	56 000
	Biombo	83	82	28 000	27 000
	Bolama/Bijagós	87	87	6 000	6 000
	Bafatá	92	96	65 000	68 000
	Gabú	94	98	63 000	66 000
	Cacheu	83	76	33 000	30 000
	SAB	75	96	61 000	78 000
Etnia do Chefe do Agregado Familiar	Fula	92	97	116 000	122 000
	Balanta	90	93	65 000	67 000
	Mandinga	91	97	57 000	60 000
	Manjaco	79	81	22 000	23 000
	Mancanha	67	82	8 000	9 000
	Papel	80	88	31 000	34 000
	Felupe	70	88	4 000	4 000
	Beafada	88	86	15 000	15 000
	Outra etnia	84	91	27 000	29 000

Tema 3 Crianças fora da escola

Perguntas de orientação

1. Em que nível de educação esta a maior porporção de crianças fora da escola?
2. Quantas crianças estão fora da escola?
3. Em que regiões estão as taxas mais altas de crianças fora da escola?
4. Onde vive a maioria das crianças fora da escola e qual é a sua formação?

Resumo

FIGURA 25 Resumo das taxas de não escolarização

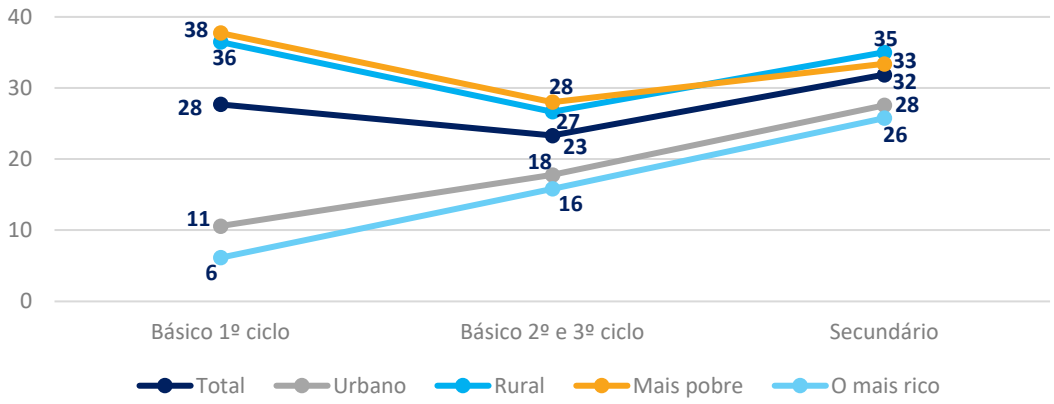
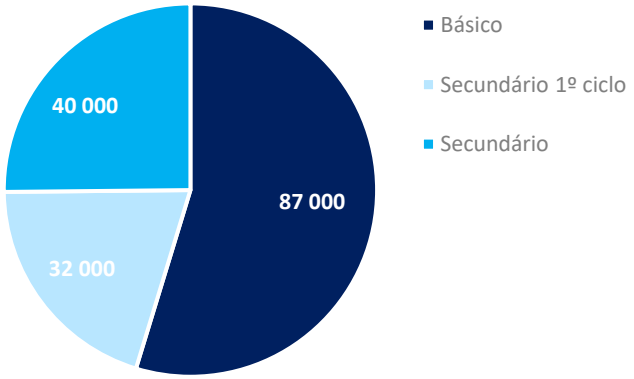


FIGURA 26 Número de crianças não escolarizadas



Conclusões

- A taxa de não-escolarização na Guiné-Bissau é relativamente constante entre os três níveis de ensino, variando de 28 por cento no 1º e 2º ciclo do ensino básico a 23 por cento no 3º ciclo do ensino básico e, em seguida, 32 por cento no nível secundário. Isso significa que apesar de algumas crianças abandonarem a escolarização ao longo dos anos esse fluxo é compensado por outras crianças que começam a escola mais tarde, o que mantém mais ou menos estáveis as taxas de não escolarização a cada nível. No total, estima-se que 160 mil crianças estejam foram da escola na Guiné Bissau, metade das quais deveriam estar frequentando o ensino básico.

Crianças fora da escola por nível de ensino

FIGURA 27 1º e 2º ciclos de Ensino Básico

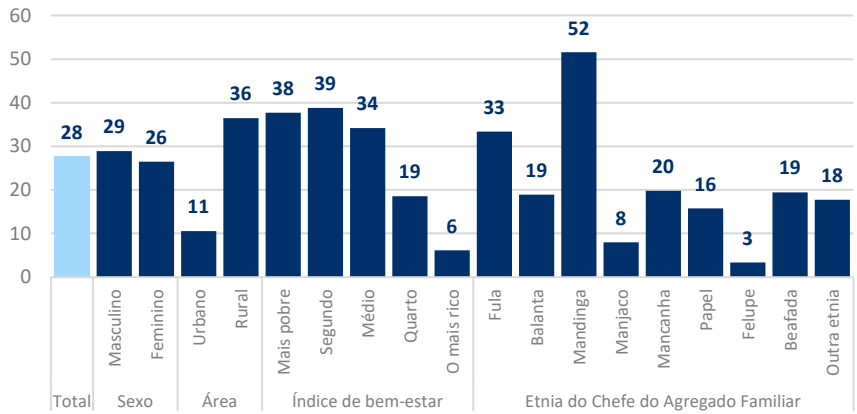


FIGURA 28 3º ciclo de Ensino Básico

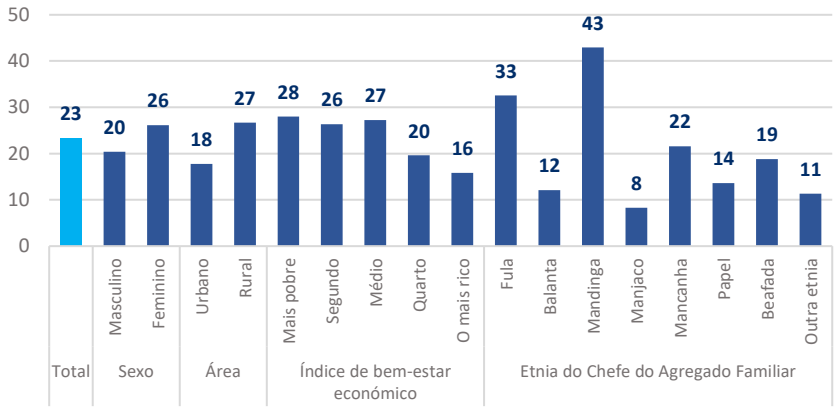
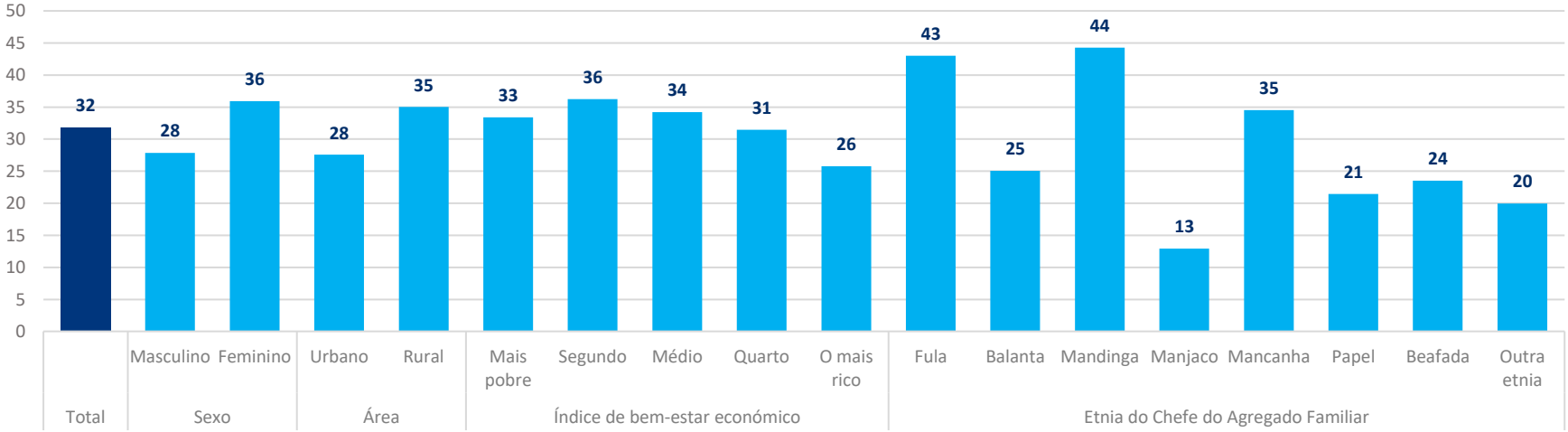


FIGURA 29 Nível Secundário



Conclusões

- De forma similar ao que é visto nas taxas de conclusão e no nível de aprendizado, vários fatores se mostram importantes para se compreender o nível de desigualdade do ensino educativo na Guiné-Bissau. Crianças de meio rural, mais pobres ou que fazem parte das etnias Fula e Mandinga têm taxas de não escolarização bem superiores às demais. Por exemplo, mais da metade (52 por cento) das crianças de etnia Mandinga com idade de frequentar os 1º e 2º ciclos de ensino básico estão fora da escola, sendo que quase todas as crianças de etnia Felupe de mesma idade (97 por cento) frequentam a escola.

- A desigualdade de género evolui entre os níveis de ensino. Se nos 1º e 2º ciclos de ensino básico os meninos estão um pouco mais frequentemente fora da escola (29 por cento versus 26 por cento), no 3º ciclo do ensino básico é a taxa de não escolarização das meninas que é maior. No nível secundário, 36 por cento das meninas estão fora da escola, taxa 12 pontos percentuais superior à dos meninos.

Desagregação regional

FIGURA 30 1º e 2º ciclos do ensino básico - taxa de não escolarização

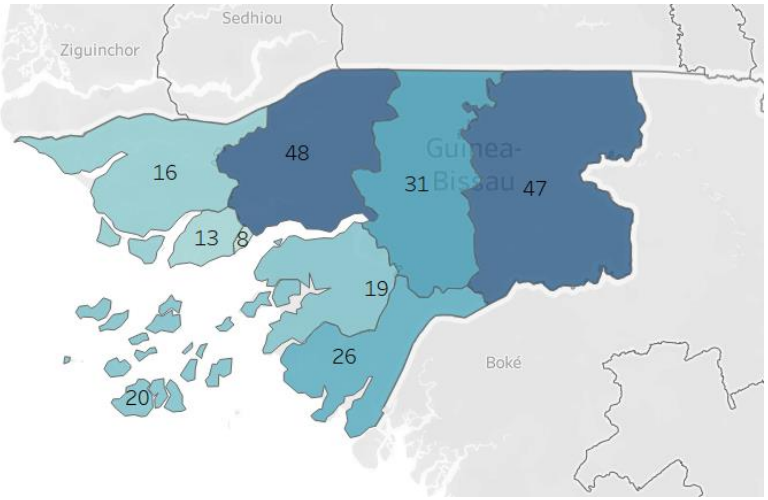


FIGURA 31 3º ciclo de ensino básico - taxa de não escolarização

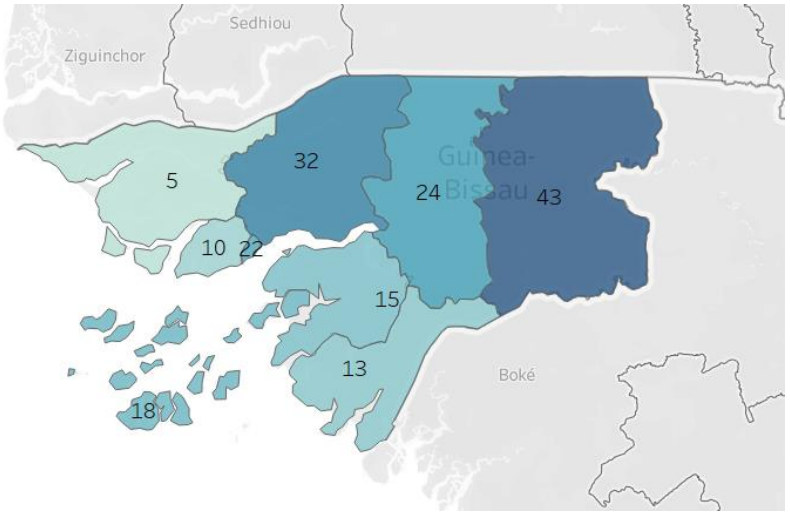
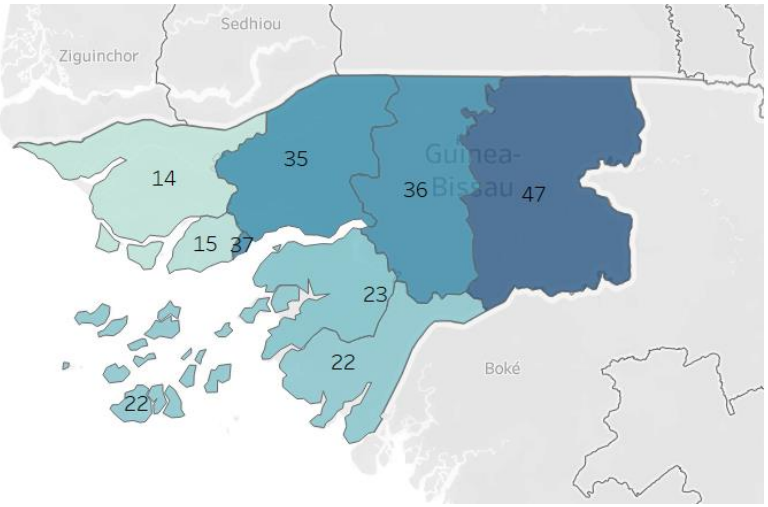


FIGURA 32 Nível Secundário - taxa de não escolarização



Perfil de crianças fora da escola

FIGURA 33 Por sexo

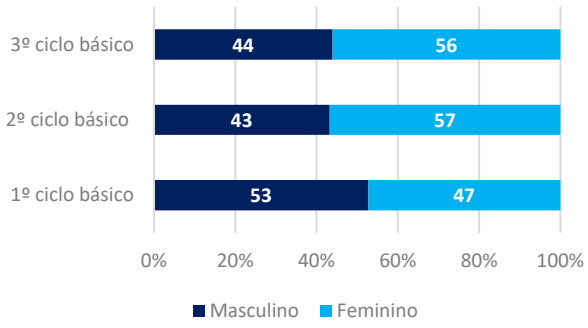


FIGURA 34 Por área

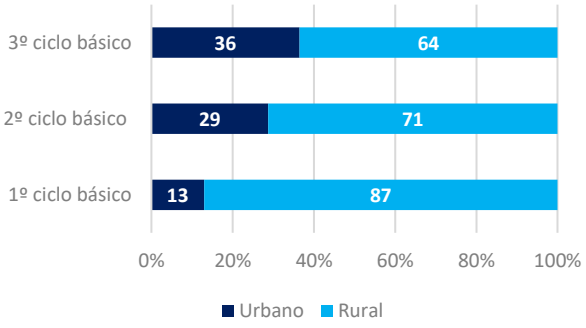


FIGURA 35 Por índice de bem-estar económico

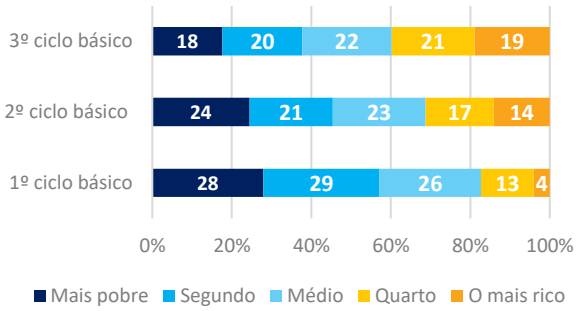


FIGURA 36 Por região

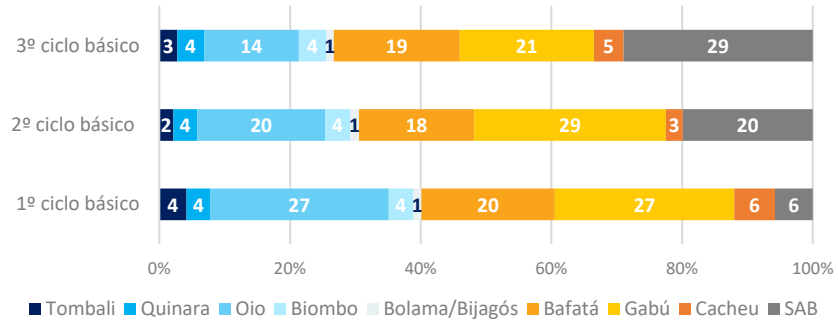
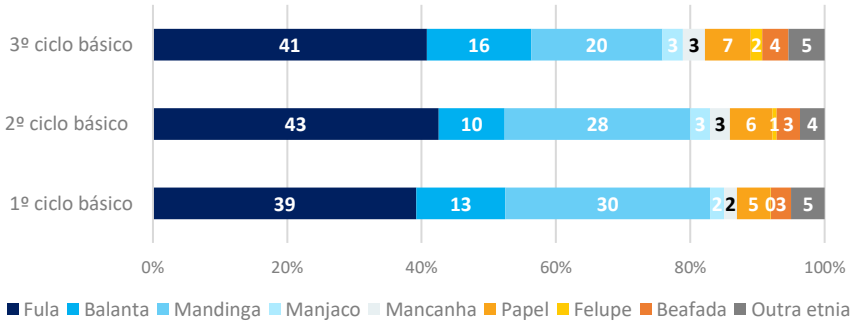


FIGURA 37 Por etnia



Conclusões

- O perfil das crianças da escola confirma a tendência de que meninas são mais escolarizadas no 1º e 2º ciclos do ensino básico, mas que por abandonarem mais fortemente a escola em níveis mais elevados, elas correspondem a maioria das crianças não escolarizadas no 3º ciclo e nível secundário. Crianças em meio rural são de forma bastante significativa (87 por cento) das crianças não escolarizadas no 1º e 2º ciclos do ensino básico. Contudo, à medida que as crianças de meio urbano também abandonam a escola no 3º ciclo do ensino básico e nível secundário, a proporção de crianças urbanas no total das crianças não escolarizadas diminui. Existe uma grande representatividade étnica, em que crianças de étnia Fula ou Mandinga correspondem a menos 60 por cento de todas as crianças não escolarizadas em cada nível de educação.

TABELA 3. Não escolarização -- Proporção & contagem por várias caraterísticas socioeconómicas

		Proporção fora da escola (%)			Contagem de crianças fora da escola		
		1º e 2º ciclos de ensino básico	3º ciclo de ensino básico	Nível Secundário	1º e 2º ciclos de ensino básico	3º ciclo de ensino básico	Nível Secundário
Total		**28**	**23**	**32**	**86 000**	**32 000**	**40 000**
Sexo	Masculino	29	20	28	45 000	14 000	18 000
	Feminino	26	26	36	41 000	18 000	22 000
Área	Urbano	11	18	28	11 000	9 000	15 000
	Rural	36	27	35	75 000	23 000	25 000
Índice de bem-estar económico	Mais pobre	38	28	33	24 000	8 000	7 000
	Segundo	39	26	36	25 000	7 000	8 000
	Médio	34	27	34	22 000	7 000	9 000
	Quarto	19	20	31	11 000	5 000	8 000
	O mais rico	6	16	26	4 000	5 000	8 000
Região	Tombali	26	13	22	4 000	1 000	1 000
	Quinara	19	15	23	3 000	1 000	2 000
	Oio	48	32	35	23 000	6 000	6 000
	Biombo	13	10	15	3 000	1 000	2 000
	Bolama/Bijagós	20	18	22	1 000	400	500
	Bafatá	31	24	36	17 000	6 000	8 000
	Gabú	47	43	47	24 000	9 000	8 000
	Cacheu	16	5	14	5 000	1 000	2 000
	SAB	8	22	37	5 000	6 000	12 000
Etnia do Chefe do Agregado Familiar	Fula	33	33	43	34 000	14 000	16 000
	Balanta	19	12	25	11 000	3 000	6 000
	Mandinga	52	43	44	26 000	9 000	8 000
	Manjaco	8	8	13	2 000	1 000	1 000
	Mancanha	20	22	35	2 000	1 000	1 000
	Papel	16	14	21	4 000	2 000	3 000
	Felupe	3	(11)	(40)	100	200	700
	Beafada	19	19	24	3 000	1 000	2 000
	Outra etnia	18	11	20	4 000	1 000	2 000

Tema 4 Frequência escolar e desenvolvimento na primeira infância

Perguntas de orientação

1. Que crianças estão em boas vias de desenvolvimento infantil (IDPI)?
2. Que níveis de educação as crianças mais pequenas frequentam?
3. As crianças frequentam o 1º ano do ensino básico na idade certa?
4. Que perfil apresentam as crianças que não frequentam qualquer forma de educação da primeira infância (EPI)
5. Que perfil apresentam as crianças que não estão em boas vias de desenvolvimento infantil (medido pelo IDPI)?

Resumo

FIGURA 38 Percentagem de crianças dos 3 aos 4 anos que estão em boas vias de desenvolvimento medido pelo índice de desenvolvimento na primeira infância (IDPI)

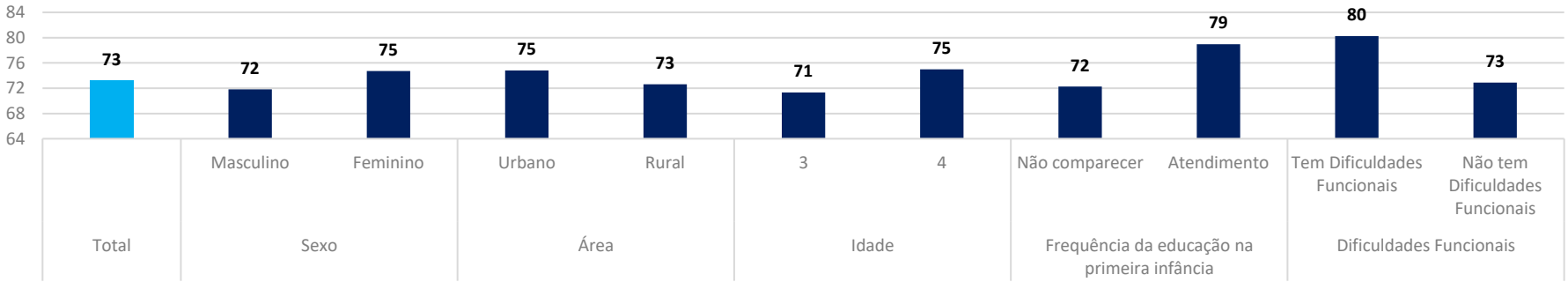


FIGURA 39 Percentagem de crianças dos 3 aos 4 anos que frequentam serviços de educação da primeira infância (EPI)

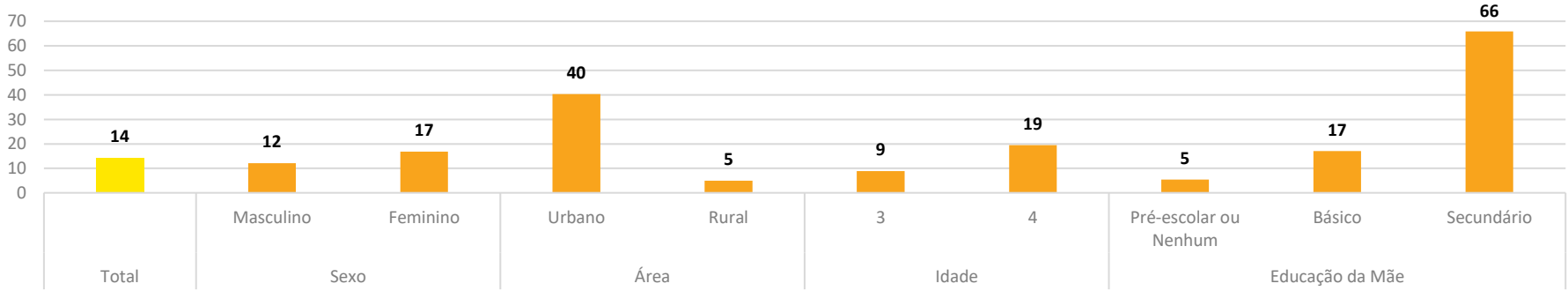


FIGURA 40 Distribuição etária no 1º ano do ensino básico (%)

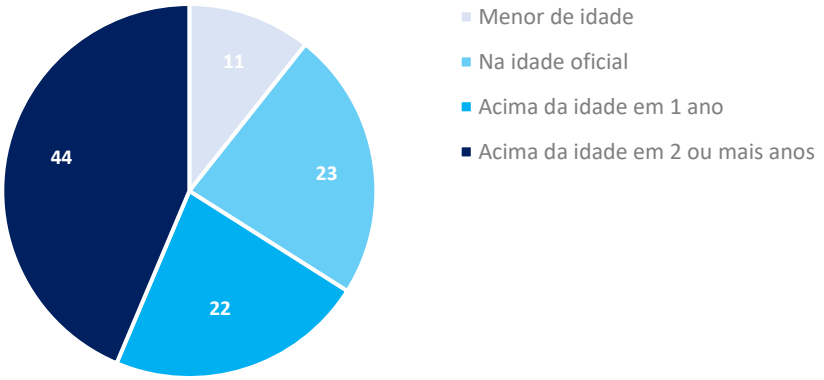
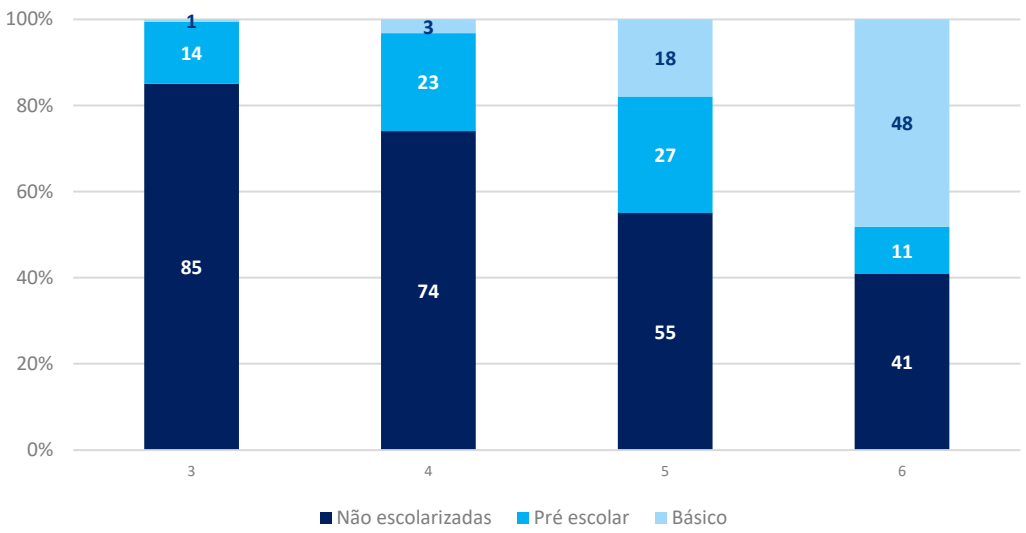


FIGURA 41 Nível de educação frequentado por idade



Conclusões

- Aproximadamente três quartos (73 por cento) das crianças da Guiné-Bissau estão em boas vias de desenvolvimento infantil medido pelo indicador IDPI. Entre estas, as crianças que frequentam o pré-escolar tem uma vantagem em relação às outras e 79 por cento delas estão em boas vias de desenvolvimento. Apesar dos benefícios de se frequentar este nível de educação, a frequência é muito baixa no país (apenas 14 por cento). Ainda assim, ela é bastante mais alta entre as crianças que vivem em áreas urbanas (40 por cento) ou cujas mães frequentaram o ensino secundário (66 por cento).
- Para além de serem poucas as crianças que frequentam serviços de educação na primeira infância, são ainda menos as que iniciam a educação básica na idade certa. Pelo contrário, a distribuição etária no início da escolaridade obrigatória mostra que 44 por cento das crianças são pelo menos dois anos mais velhas do que a idade oficial de entrada na escola.
- Aos seis anos, idade oficial para o início da escolaridade obrigatória no país, menos da metade das crianças frequentam o ensino básico e 41 por cento estão fora da escola.

Perfil de crianças dos 3 aos 4 anos que não frequentam serviços de educação da primeira infância ou que não estão em boas vias de desenvolvimento infantil

FIGURA 42 Por sexo

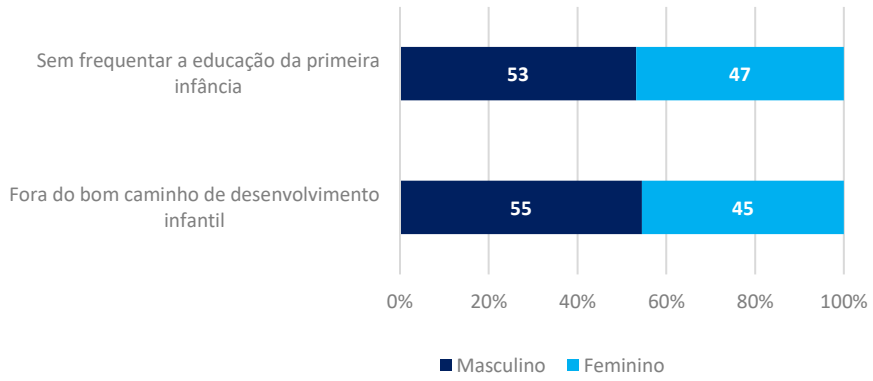


FIGURA 43 Por área

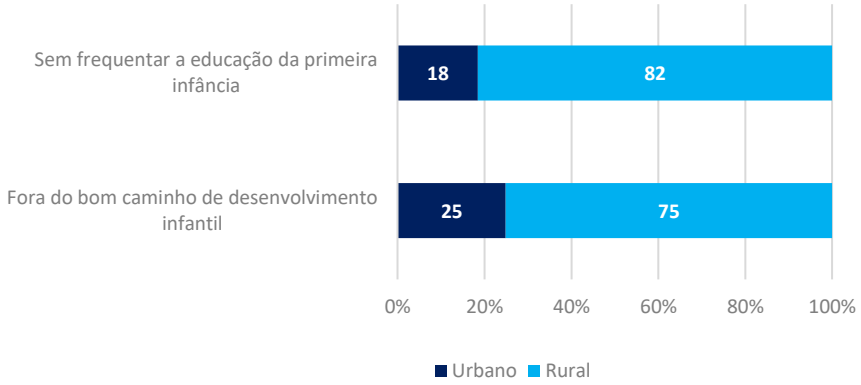


FIGURA 44 Por índice de bem estar socioeconomico

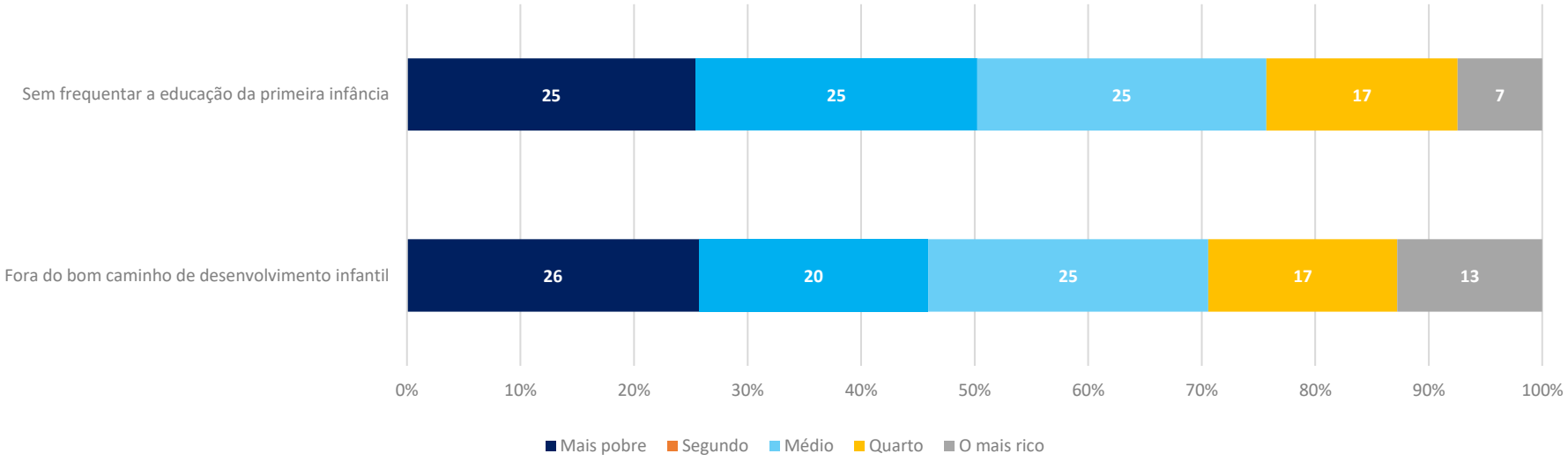


FIGURA 45 Por distrito

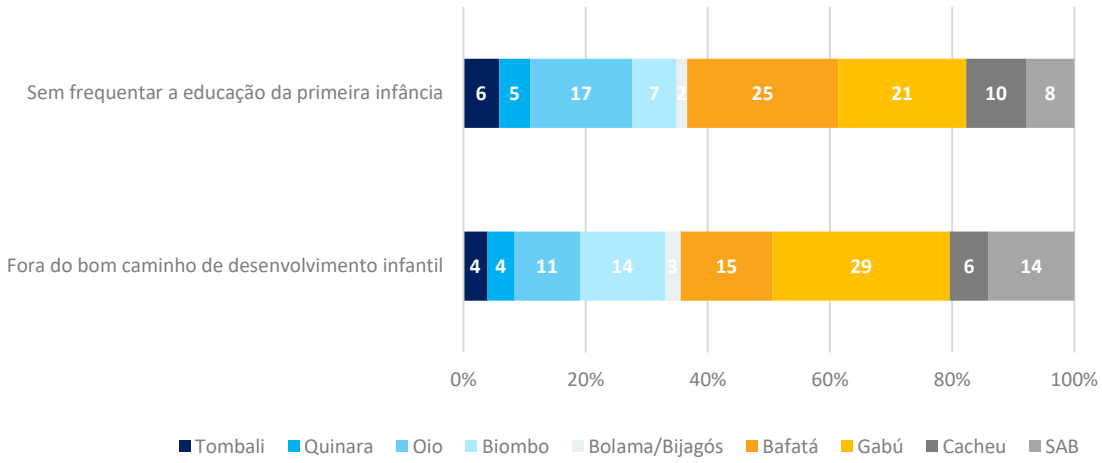
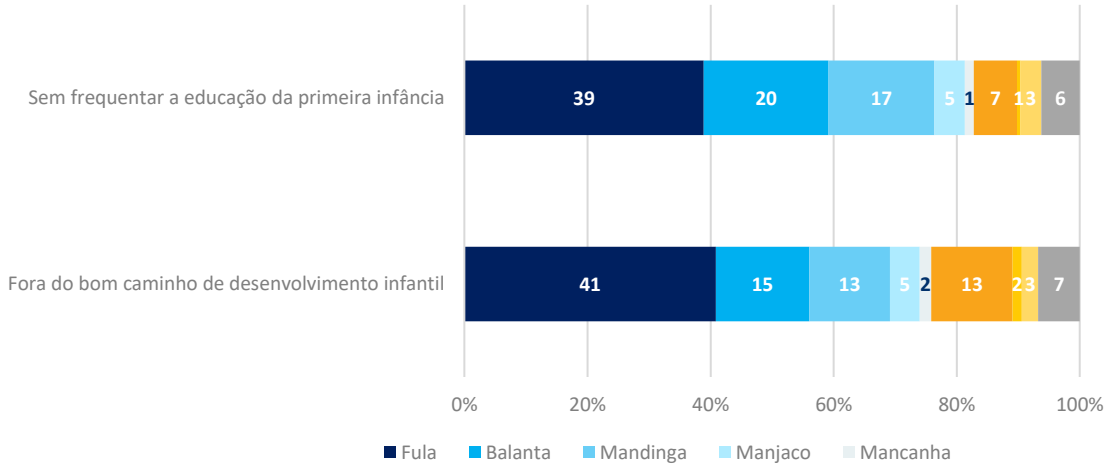


FIGURA 46 Por etnia



Conclusões

- Os meninos são uma pequena maioria tanto das crianças que não estão em boas vias de desenvolvimento infantil quanto das que não frequentam serviços de educação na primeira infância (53-55 por cento). Por outro lado, as crianças que vivem nas regiões rurais representam a grande maioria das que não frequentam serviços de educação na primeira infância (82 por cento) e que não estão em boas vias de desenvolvimento infantil (75 por cento). As crianças de famílias pobres são também as mais presentes nas duas categorias, assim como as que vivem nas regiões populosas de Gabú e SAB ou crianças da etnia Fula.

TABELA 4. Perfil de crianças dos 3 aos 4 anos que não frequentam serviços de educação da primeira infância ou que não estão em boas vias de desenvolvimento infantil

		Proporção (%) de crianças (de 3 a 4 anos)		Contagem de crianças	
		Fora do bom caminho	Sem frequentar a educação da primeira infância	Fora do bom caminho	Sem frequentar a educação da primeira infância
Total		**27**	**86**	**32 000**	**101 000**
Sexo	Masculino	28	88	17 000	54 000
	Feminino	25	83	14 000	47 000
Área	Urbano	25	60	8 000	19 000
	Rural	27	95	24 000	82 000
Índice de bem-estar económico	Mais pobre	30	95	8 000	26 000
	Segundo	25	96	6 000	25 000
	Médio	28	93	8 000	26 000
	Quarto	25	81	5 000	17 000
	O mais rico	25	46	4 000	8 000
Região	Tombali	20	96	1 000	6 000
	Quinara	24	88	1 000	5 000
	Oio	19	96	3 000	17 000
	Biombo	51	85	4 000	7 000
	Bolama/Bijagós	40	87	1 000	2 000
	Bafatá	18	97	5 000	25 000
	Gabú	41	94	9 000	21 000
	Cacheu	16	81	2 000	10 000
	SAB	26	46	4 000	8 000
Etnia do Chefe do Agregado Familiar	Fula	30	92	13 000	39 000
	Balanta	20	88	5 000	21 000
	Mandinga	22	91	4 000	17 000
	Manjaco	20	65	2 000	5 000
	Mancanha	23	56	1 000	1 000
	Papel	45	77	4 000	7 000
	Felupe	(35)	(40)	500	1 000
	Beafada	20	81	1 000	3 000
	Outra etnia	28	82	2 000	6 000

Tema 5 Repetição, Abandonos e não transição

Perguntas de orientação

1. Qual nível ou classe tem as taxas mais altas de repetência, abandono e não-transição?
2. Qual é o perfil das crianças que repetem uma série?
3. Qual é o perfil das crianças que abandonam a escola?
4. Qual é o perfil das crianças que não fazem a transição para o próximo nível de educação?

Resumo

FIGURA 47 Taxa de repetição por ano de escolaridade

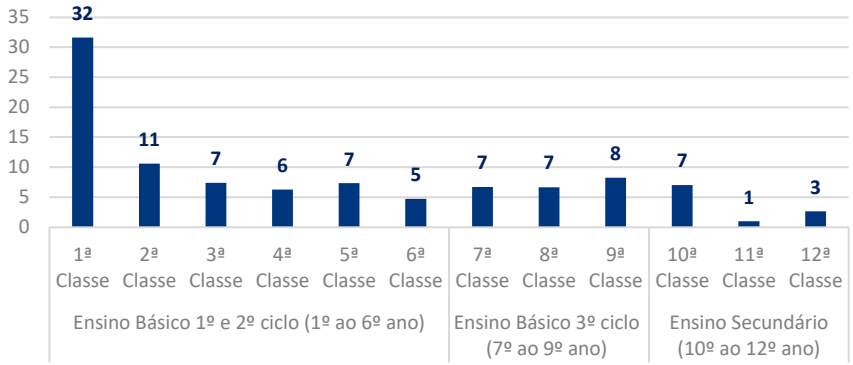


FIGURA 48 Abandono por ano de escolaridade

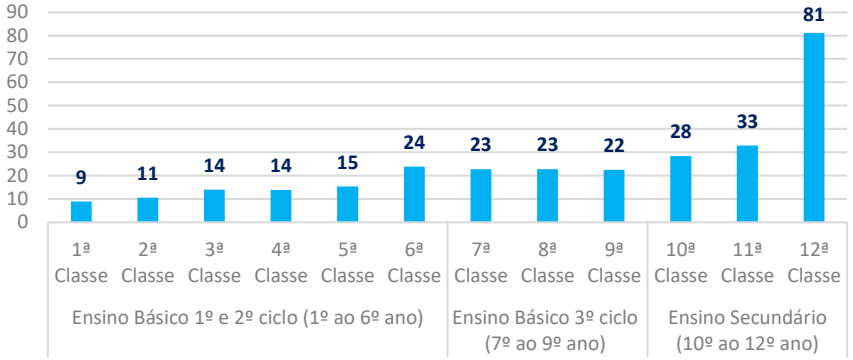
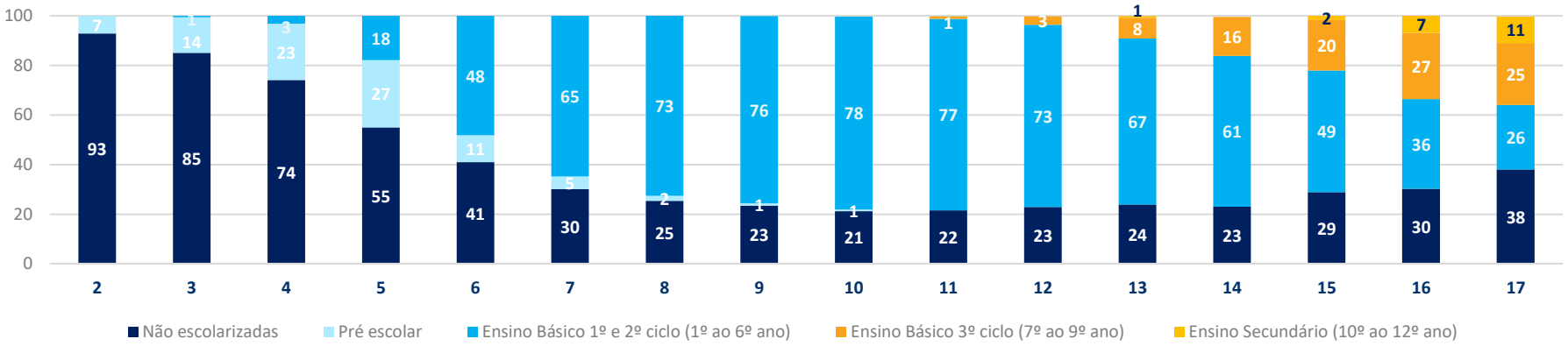


FIGURA 49 Frequência escolar por idade



Conclusões

- Uma grande parte das crianças da Guiné-Bissau (32 por cento) repetem o 1º ano de escolaridade do ensino básico, o que explica em parte o grande número de alunos nesse nível que tem idade superior à oficial como indicado na ficha sobre aprendizado precoce. Para além do 1º ano de escolaridade, o nível de repetição é relativamente estável entre 5 e 11 por cento até ao 10º ano de escolaridade, quando ele diminui fortemente. Por outro lado, enquanto a taxa de repetição diminui, a taxa de abandono aumenta. Entre 9 e 15 por cento dos alunos abandonam a escola durante cada ano de escolaridade entre a 1º e o 5º. Contudo, a partir do 6º ano de escolaridade, a taxa de abandono aumenta variando entre 22 e 33 por cento em cada ano até o fim do nível secundário quando ela alcança 81 por cento. Com o aumento do abandono escolar, também aumenta a parte de crianças fora da escola. Entre 2 e 10 anos de idade a porcentagem de crianças não escolarizadas diminui de 93 a 10 por cento. Contudo a partir de 10 anos, o número de crianças não escolarizadas volta a aumentar chegando a 38 por cento dos adolescentes de 17 anos. Nessa idade, apenas 11 por cento frequentam o nível secundário como deveriam.

Perfil de crianças que repetem, abandonam ou não transitam para o próximo ano de escolaridade

FIGURA 50 Por sexo

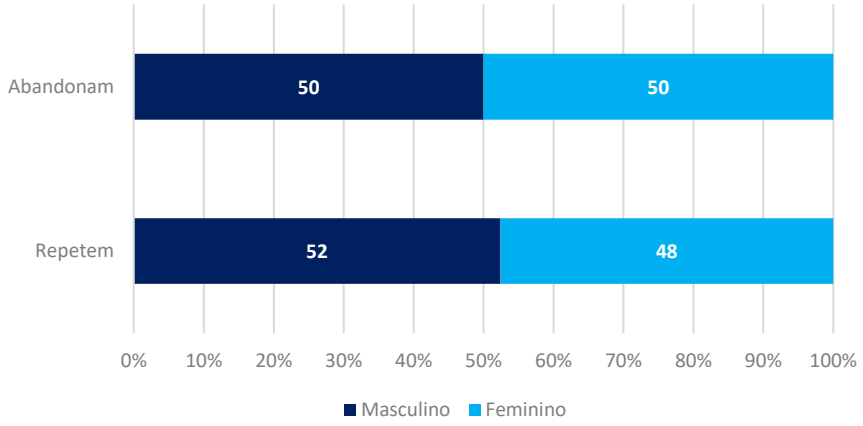


FIGURA 51 Por área

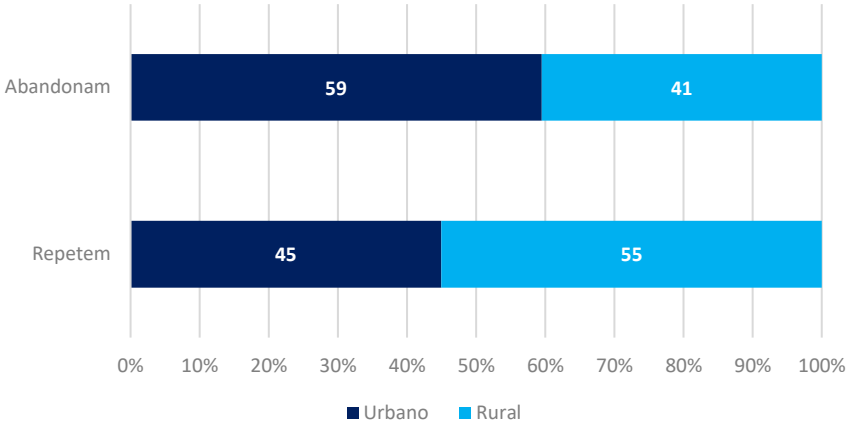


FIGURA 52 Por índice de bem estar socioeconómico

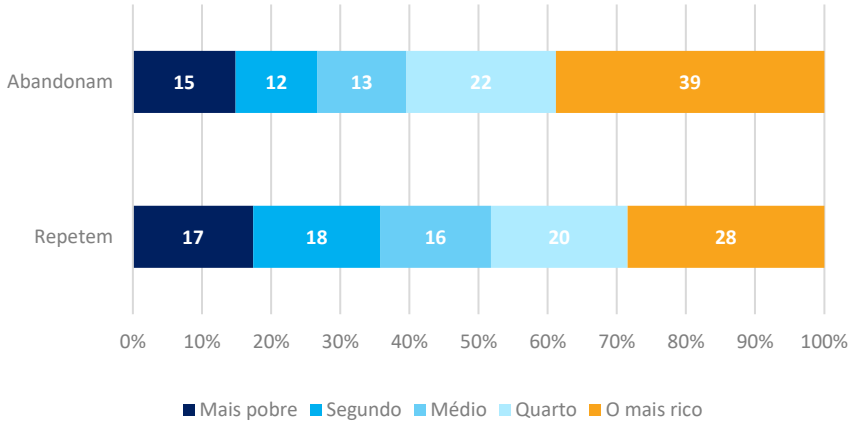
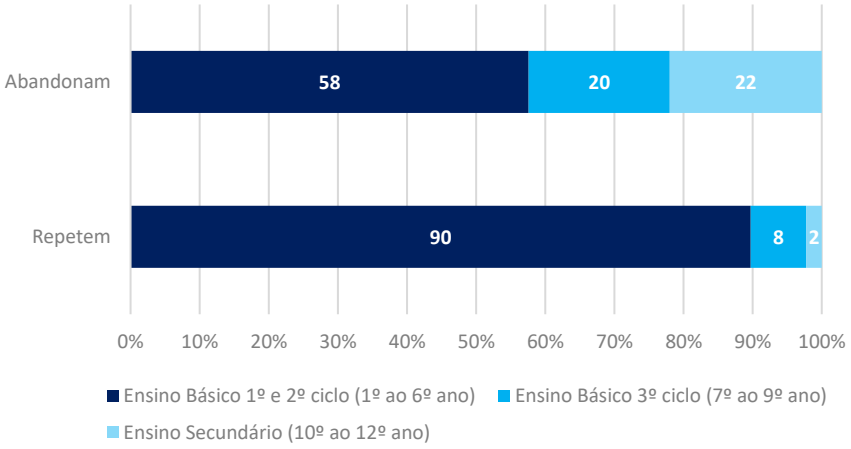


FIGURA 53 Por ano de escolaridade



Conclusões

- Meninos e meninas estão representados quase igualmente entre as crianças que abandonam ou que repetem. Por outro lado, crianças de meio urbano estão mais representadas entre as que abandonam, talvez porque mais crianças urbanas estejam na escola. Como a taxa de não escolarização é mais alta em zona rural, menos crianças rurais estão na escola e portanto menos crianças rurais entre as que repetem. O mesmo se dá com os quintis de renda. Como as crianças mais ricas estão mais frequentemente na escola, elas também representam uma grande parte tanto dos que abandonam quanto dos que repetem.

- A maior parte do abandono escolar ocorre no ensino básico (58 por cento), o mesmo é verdade no caso da repetição. Cerca de 9 a cada 10 crianças que repetiram um ano estavam a frequentar o ensino básico.

TABELA 5. Repetição, Abandonos e não transição -- Proporção & contagem por várias características socioeconômicas

		Proporção (%)		Contagem de crianças	
		Repetem	Abandonam	Repetem	Abandonam
Total		**13**	**17**	**65 000**	**88 000**
Sexo	Masculino	14	16	35 000	44 000
	Feminino	13	17	30 000	44 000
Área	Urbano	10	21	23 000	53 000
	Rural	17	13	41 000	35 000
Índice de bem-estar económico	Mais pobre	16	15	13 000	13 000
	Segundo	19	13	14 000	10 000
	Médio	14	13	12 000	11 000
	Quarto	11	16	12 000	19 000
	O mais rico	10	23	14 000	34 000
Região	Tombali	22	7	4 000	1 000
	Quinara	17	12	5 000	4 000
	Oio	17	12	9 000	6 000
	Biombo	11	10	5 000	5 000
	Bolama/Bijagós	15	18	2 000	2 000
	Bafatá	17	8	11 000	6 000
	Gabú	14	19	8 000	12 000
	Cacheu	12	9	7 000	6 000
	SAB	10	30	14 000	46 000
Etnia do Chefe do Agregado Familiar	Fula	15	17	19 000	24 000
	Balanta	16	15	17 000	16 000
	Mandinga	11	22	6 000	13 000
	Manjaco	13	11	6 000	5 000
	Mancanha	9	18	2 000	3 000
	Papel	10	19	6 000	11 000
	Felupe	11	27	1 000	2 000
	Beafada	14	19	4 000	5 000
	Outra etnia	12	14	5 000	7 000

Tema 6 Proteção da infância

Perguntas de orientação

1. Que grupos têm taxas mais altas de casamento precoce e como isso afeta a alfabetização e as habilidades em TIC?
2. Quais os grupos de crianças estão mais frequentemente envolvidos no trabalho infantil?
3. Como o trabalho infantil está vinculado à frequência à educação e às habilidades básicas de aprendizagem?
4. Como o trabalho infantil explica o perfil das crianças que estão fora da escola ou que não aprendem na escola?

Resumo do casamento precoce e educação

FIGURA 54 Prevalência de casamento precoce entre jovens mulheres dos 20 aos 24 anos

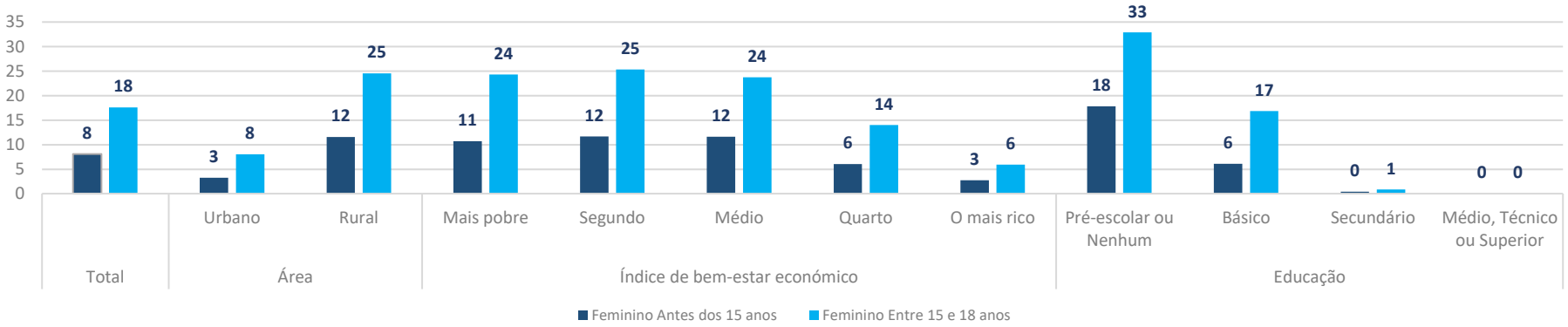


FIGURA 55 Taxa de alfabetização de jovens mulheres dos 20 aos 24 anos por casamento precoce

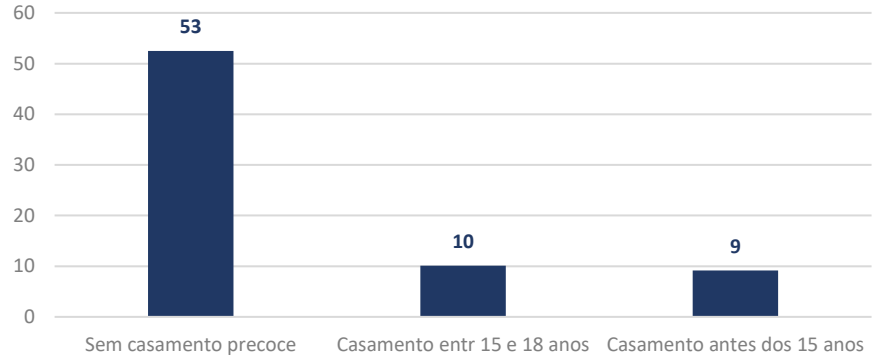
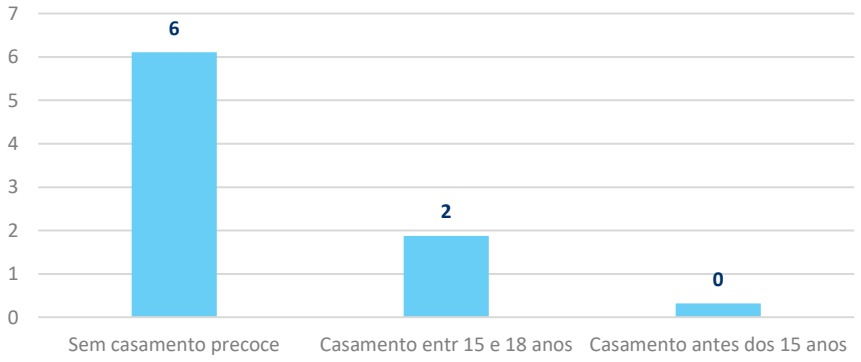


FIGURA 56 Taxa de competências em TIC de jovens mulheres dos 20 aos 24 anos por casamento precoce



Conclusões

- Ao todo, 8 por cento das jovens de 20 a 24 anos na Guiné-Bissau casaram-se antes dos 15 anos. Além disso, outras 18 por cento casaram-se entre os 15 e os 18 anos, resultando em uma taxa de casamento precoce total de 26 por cento. As taxas de casamento precoce são maiores em mulheres jovens vivendo nas zonas rurais ou com famílias mais pobres. No entando, o nível de educação frequentado também está fortemente relacionado com o casamento precoce. Entre mulheres que não frequentaram a educação básica, as taxas são de 18 e 33 por cento, totalizando entre elas 51 por cento de casamento precoce. Por outro lado, quase nenhuma jovem que frequentou o ensino médio, técnico ou superior casou-se antes dos 18 anos.

- A taxa de alfabetização no país é baixa mesmo entre jovens mulheres que não se casaram precocemente - 53 por cento. Contudo, entre mulheres que se casaram antes dos 15 ou antes dos 18 anos, as taxas são ainda mais baixas, variando entre 9 e 10 por cento. O mesmo se vê na taxa de competências em TIC que ficam em 6 por cento para mulheres que não se casaram precocemente, mas em 2 por cento entre as que se casaram entre 15 e 18 anos. No caso das mulheres que se casaram antes dos 15 anos, quase nenhuma tem competências em TIC.

FIGURA 57 Prevalência de trabalho infantil de crianças dos 5 aos 17 anos

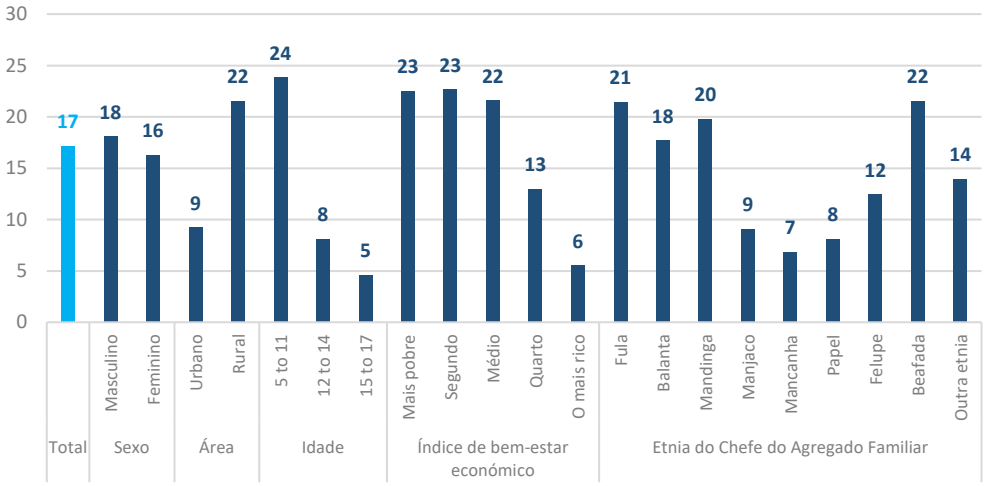


FIGURA 58 Frequência escolar por idade e trabalho infantil

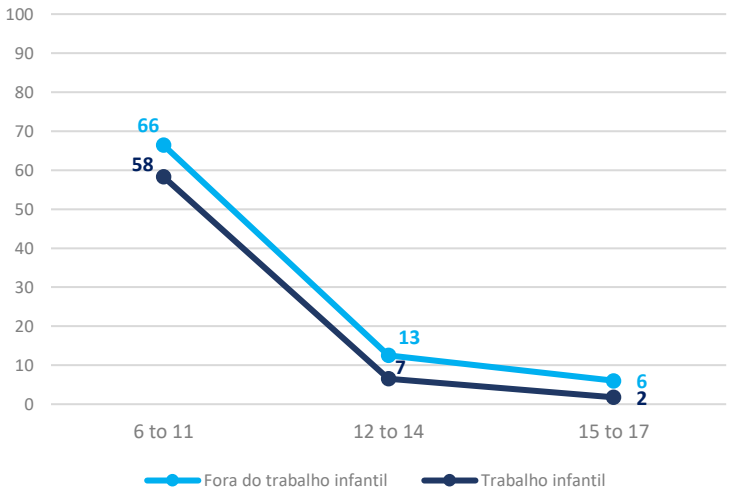
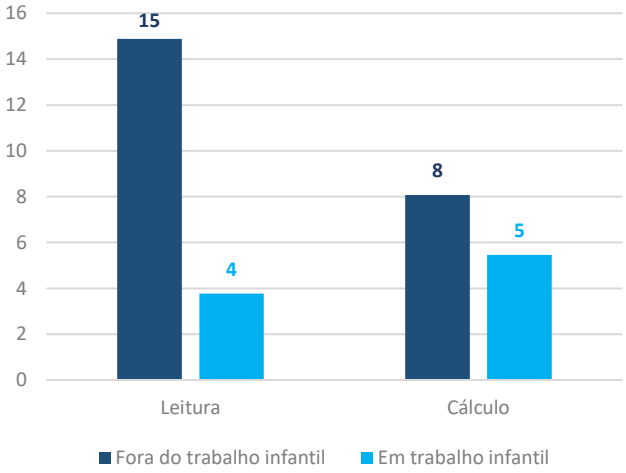


FIGURA 59 Habilidades básicas por trabalho infantil (7 aos 14 anos)



Conclusões

- Na Guiné-Bissau, cerca de 17 por cento das crianças entre os 5 e os 17 anos estão em trabalho infantil. As taxas não variam muito fortemente por gênero, mas sim por idade, situação socioeconómica e etnia. Crianças mais jovens, entre os 5 e os 11 anos, têm taxas de trabalho infantil muito maiores, em torno de 24 por cento. Crianças mais velhas tem taxas menores, o que também é dado ao fato de que o número de horas definidas necessárias para que uma criança seja considerada como fazendo parte do trabalho infantil é superior para crianças mais velhas. Além das diferenças de idade, a taxa de trabalho infantil entre os mais ricos (6 por cento) é um quarto da encontrada entre os mais pobres (23 por cento) e etnias como Fula, Mandinga e Beafada têm taxas superiores às dos Majaco, Mancanha ou Papel.
- O trabalho infantil está fortemente conectado à frequência escolar e ao aprendizagem. Em todas as idades, crianças em trabalho infantil têm menores taxas de frequência. Por exemplo, entre as crianças de 15 a 17 anos, a taxa de frequência é três vezes menor entre as crianças enquadradas na definição internacional de trabalho infantil. Além disso, crianças sujeitas ao trabalho infantil têm taxas de competência em leitura quase quatro vezes menores que as demais (4 por cento contra 15 por cento). Elas também têm habilidades básicas em cálculo inferiores.

Tema 7 Educação inclusiva

Perguntas de orientação

1. Que grupos de crianças apresentam maiores taxas de dificuldade funcional?
2. Quais são as dificuldades funcionais mais comuns entre as crianças?
3. Como a dificuldade funcional está ligada à frequência escolar e ao aprendizado?
4. Como a dificuldade funcional está ligada à repetência e ao abandono?
5. Como a dificuldade funcional explica o perfil das crianças que estão fora da escola ou que não aprendem na escola?

Resumo

FIGURA 60 Prevalência de dificuldades funcionais de crianças dos 5 aos 17 anos

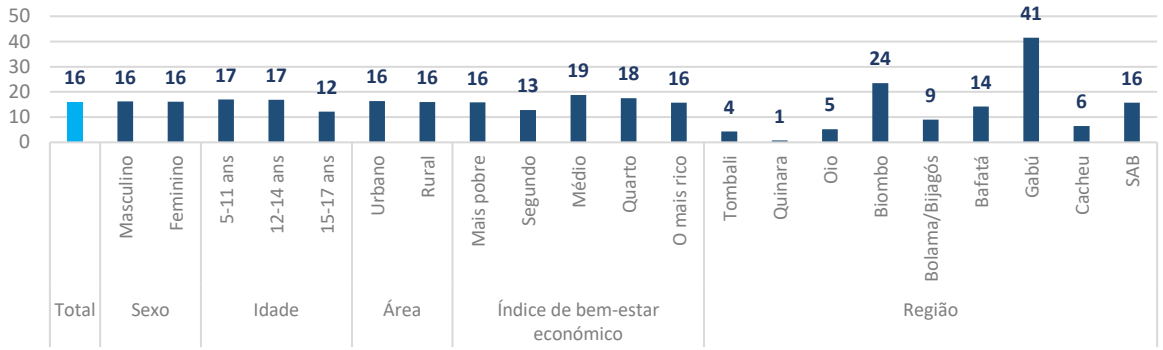
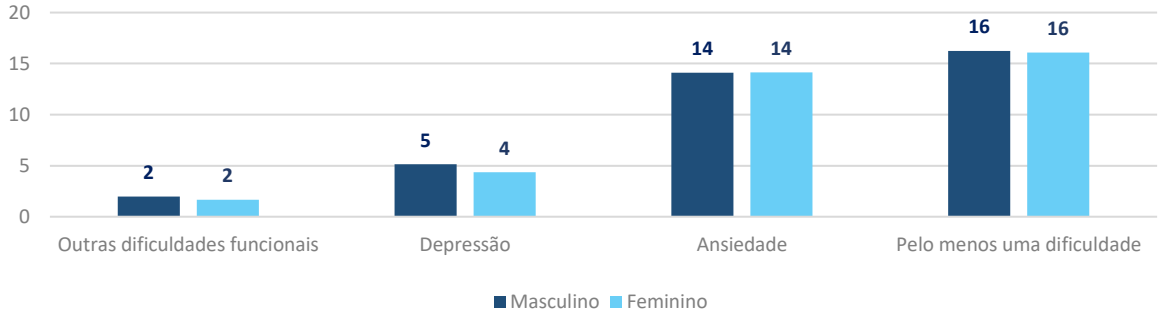


FIGURA 61 Prevalência de tipos de dificuldades funcionais de crianças dos 5 aos 17 anos



Conclusões

- A prevalência de dificuldades funcionais no país é de 16 por cento das crianças entre 5 e 17 anos. A taxa é a mesma entre meninos e meninas, crianças vivendo em meio urbano e rural. Também não há tanta variação a cada quintil de renda. No entanto, algumas etnias tem taxas de difuldades funcionais bem mais elevadas. Por exemplo, 41 por cento das crianças Gabú tem ao menos uma dificuldade funcional, sendo que esse é o caso de apenas 1 por cento das crianças Quinara.
- As prevalências mais comuns são ansiedade (5 por cento dos meninos e 4 por cento das meninas) e depressão (14 por cento). Apenas 2 por cento das crianças tem outras dificuldades funcionais no país.

Conclusões

- Há uma diferença significativa entre a taxa de frequência escolar de crianças com e sem difculdades funcionais no 1º e 2º ciclo do ensino básico. Crianças sem dificuldades funcionais estão 7 pontos percentuais acima das demais na frequência do 1º e 2º ciclo do ensino básico. No entanto, no 3º ciclo do ensino básico não há diferenças significativas.

- Crianças com dificuldades funcionais também tem menores taxas de aprendizado, sobretudo em cálculo onde a diferença de cinco pontos percentuais é significativa.

FIGURA 62 Frequência escolar por dificuldade funcional e nível de educação

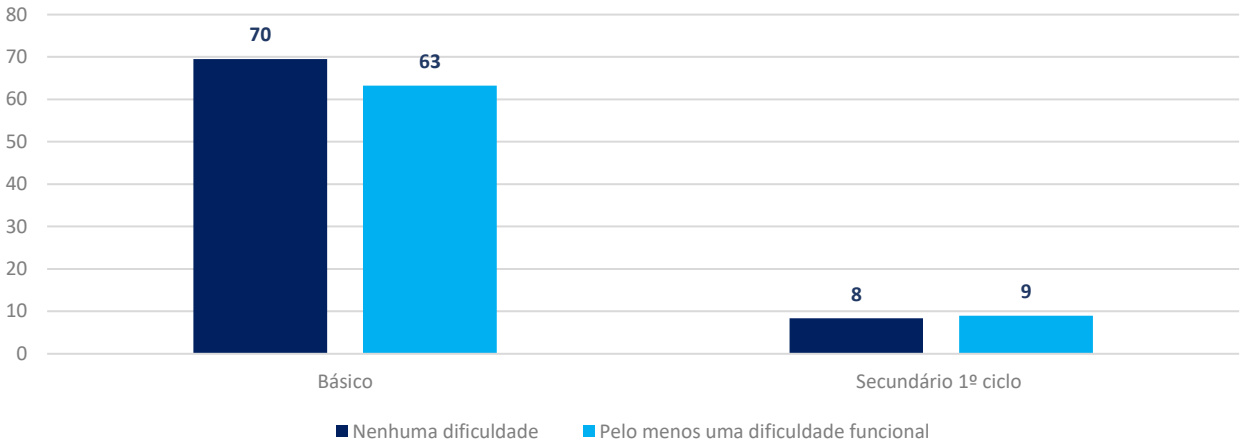
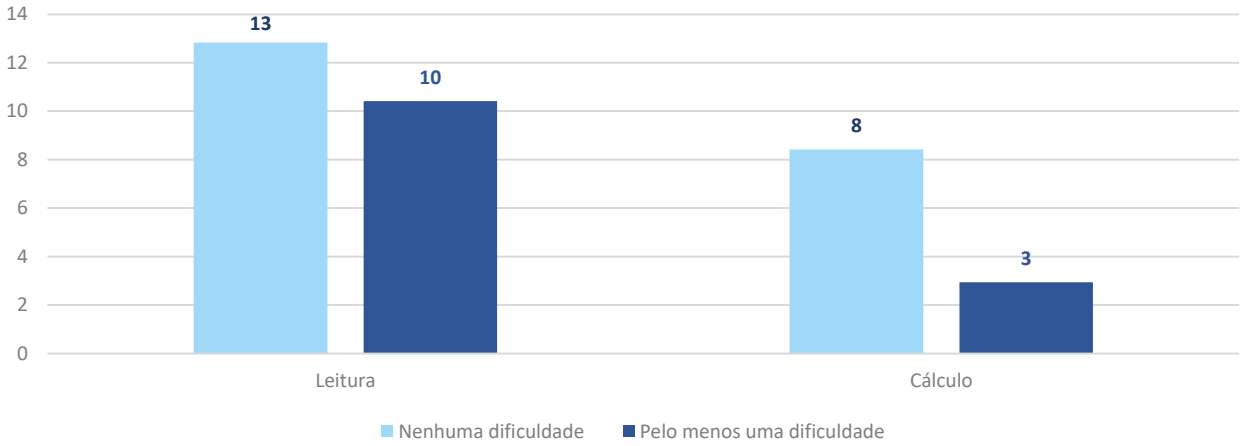


FIGURA 63 Habilidades básicas de aprendizagem por dificuldades funcionais



Tema 8 Educação à distância

Perguntas de orientação

1. Qual é a proporção de alunos que mora com famílias com acesso a ferramentas de aprendizagem remota?
2. Como o aprendizado remoto está associado ao aprendizado básico?
3. Quais são os perfis das crianças que não têm acesso a ferramentas de aprendizagem à distância?

Resumo

FIGURA 64 Proporção de estudantes dos 3 aos 24 anos com acesso a ferramentas de aprendizado à distância

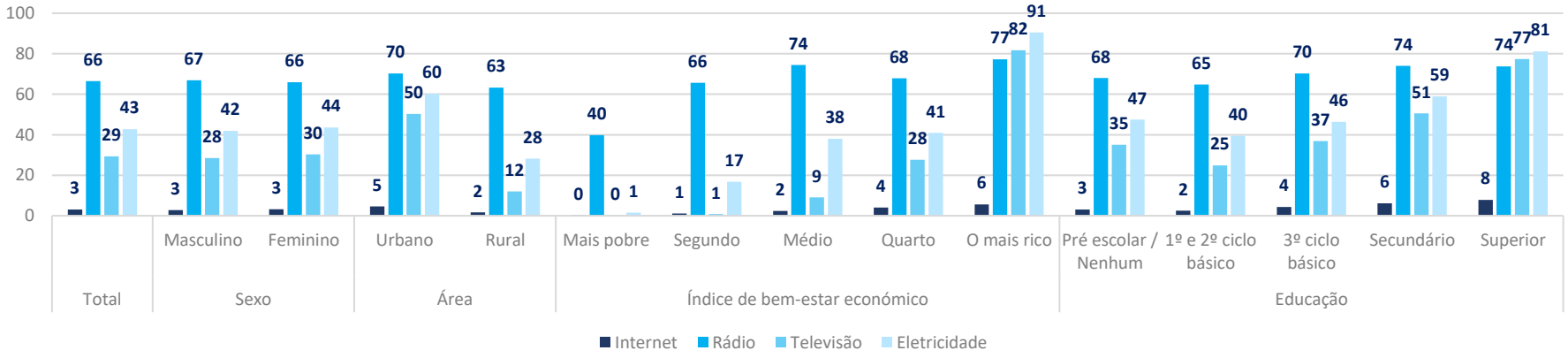


FIGURA 65 Proporção de estudantes dos 3 aos 24 anos de idade sem acesso à rádio ou televisão

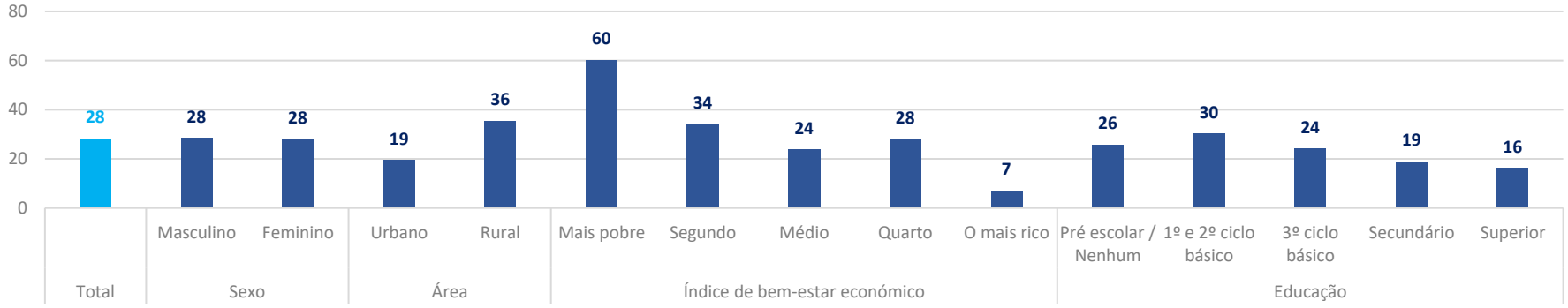
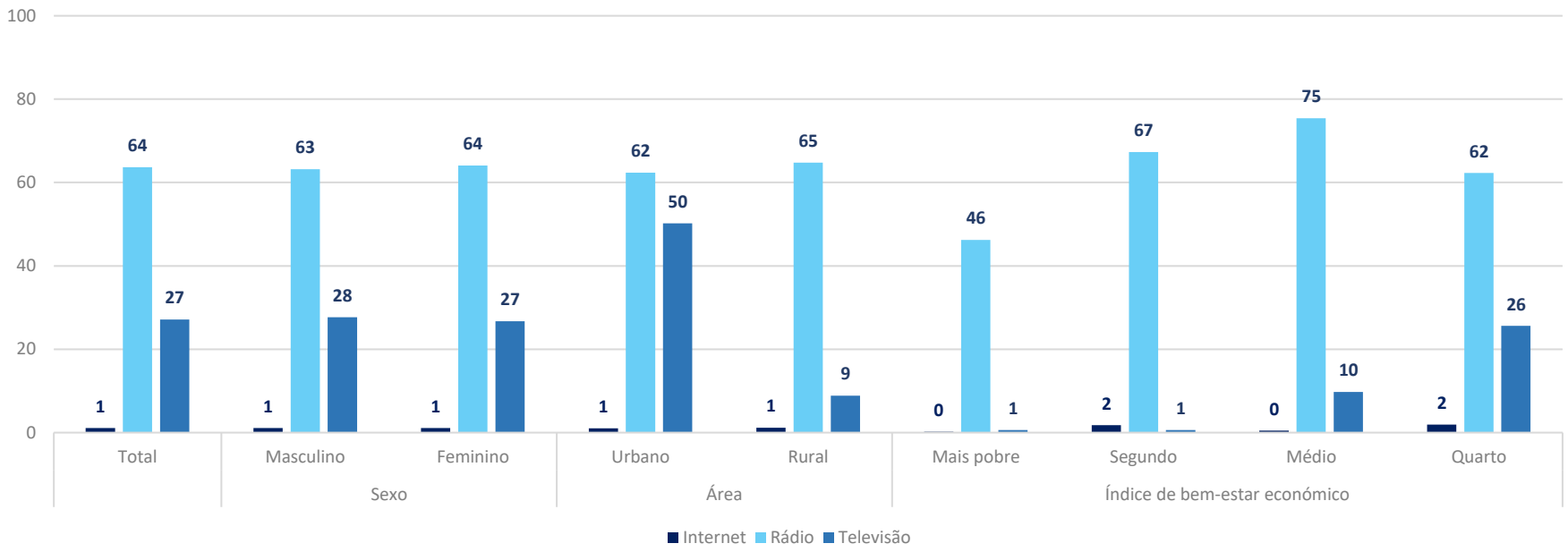


FIGURA 66 Crianças dos 3 aos 17 anos não escolarizadas com acesso a ferramentas de aprendizado a distância

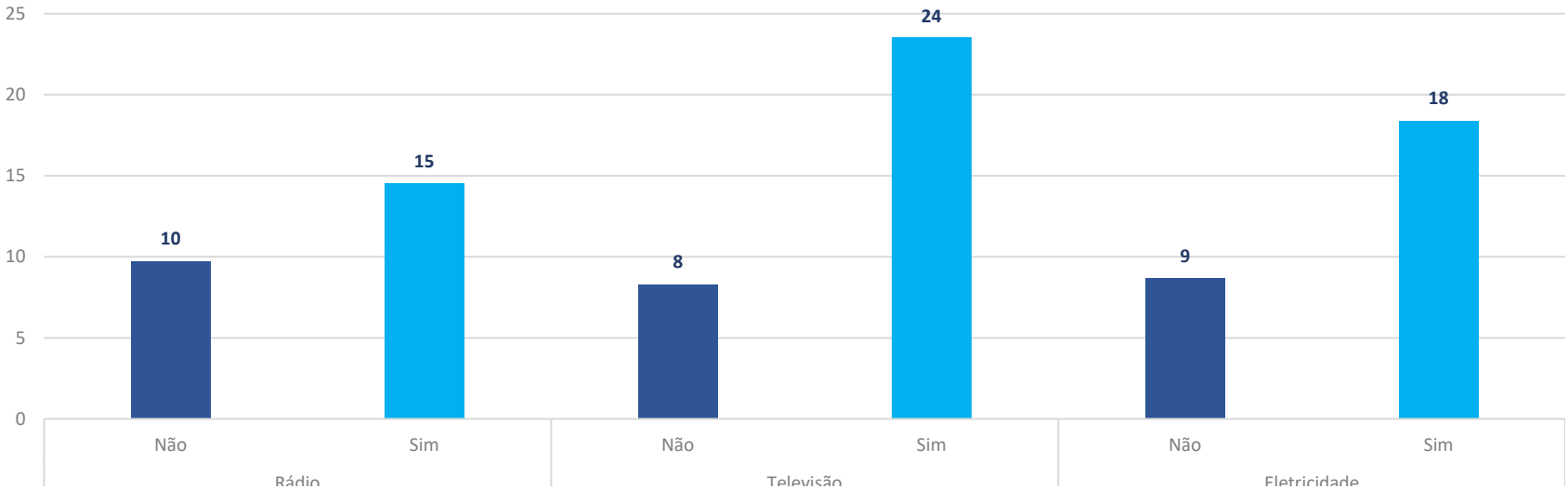


Conclusões

- O acesso à internet é muito raro no país. Apenas 3 por cento dos estudantes tem acesso. Mesmo nos quintis mais ricos da população, o acesso chega a apenas 6 por cento. Contudo, outras tecnologias de aprendizagem à distância estão um pouco mais disponíveis. Cerca de 43 por cento dos estudantes tem acesso à electricidade, 29 por cento moram numa residência com uma televisão. Além disso dois a cada três estudantes tem rádio em casa (66 por cento). No caso de todas essas tecnologias, o acesso é maior em áreas urbanas e entre crianças que frequentam níveis de educação mais elevados. Isso sobretudo porque crianças que frequentam níveis de educação mais elevados geralmente também vivem em famílias mais ricas.
- Tendo em vista esse cenário, uma boa parte dos estudantes em Guiné-Bissau não tem acesso nem a rádio nem a televisão (28 por cento). As mais impactadas são as crianças que vivem com famílias mais pobres, rurais ou frequentam o ensino básico.

Habilidades básicas de aprendizagem de crianças dos 7 aos 14 anos, por acesso a ferramentas de aprendizagem

FIGURA 67 Habilidades básicas de aprendizagem de crianças de 7 a 14 anos, por acesso a ferramentas de aprendizagem



Conclusões

- Crianças que tem acesso a ferramentas de aprendizagem à distância também possuem competências de leitura significanmente mais avançadas. Por examplo, 24 por cento das crianças com acesso a televisão tem competências de leitura, sendo que apenas 8 por cento das crianças sem acesso têm as mesmas competências. Isso demonstra que a falta de acesso pode acabar agravando desigualdades já existentes no país.

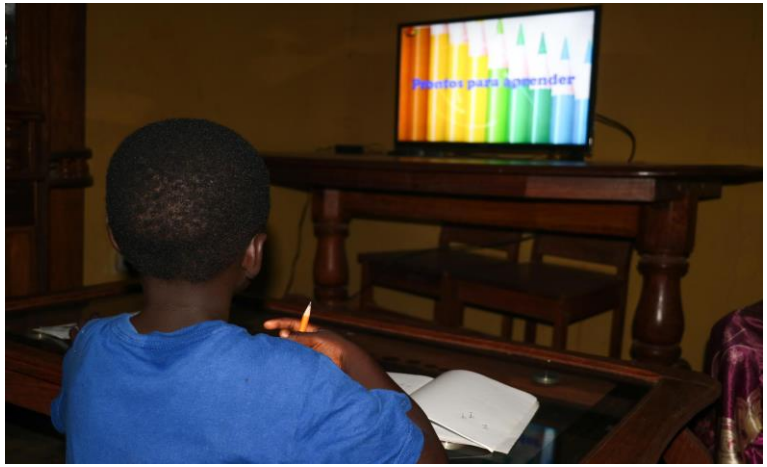


FIGURA 68 Pais ou cuidadores que ajudam com a tarefa de casa

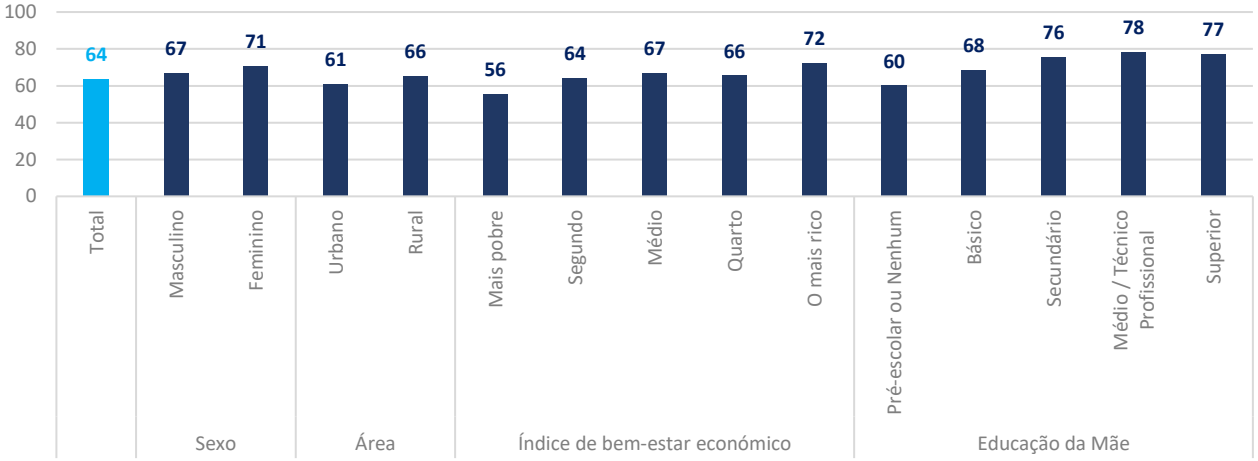
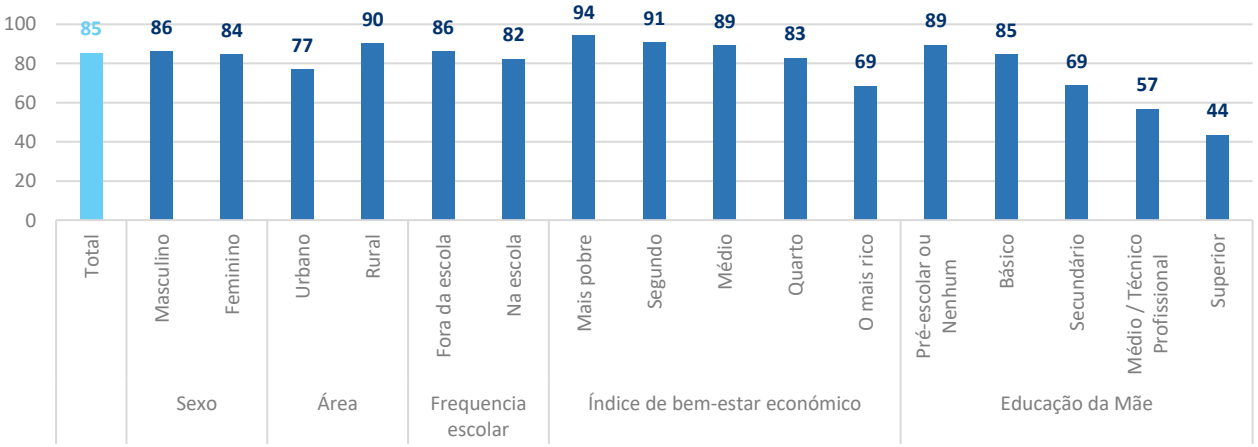


FIGURA 69 Nenhum livro para crianças em casa



Conclusões

- A maioria das crianças na Guiné-Bissau (85 por cento) não têm um livro em casa. Tanto meninos como meninas, dentro e fora da escola raramente têm livros em casa. Apenas entre crianças cujas mães frequentaram o ensino superior a percentagem sem nenhum livro em casa cai para menos da metade (44 por cento).
- Apesar da falta de livros, muitos dos pais ou cuidadores participam nas tarefas de casa (64 por cento). Pais mais ricos (72 por cento) ou com estudos mais elevados (77-78 por cento) tem uma maior participação nas tarefas de casa dos filhos.

FIGURA 70 Por sexo

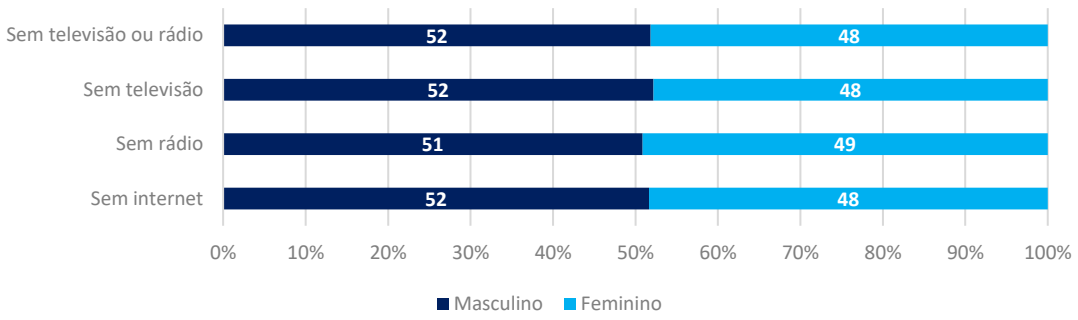


FIGURA 71 Por área

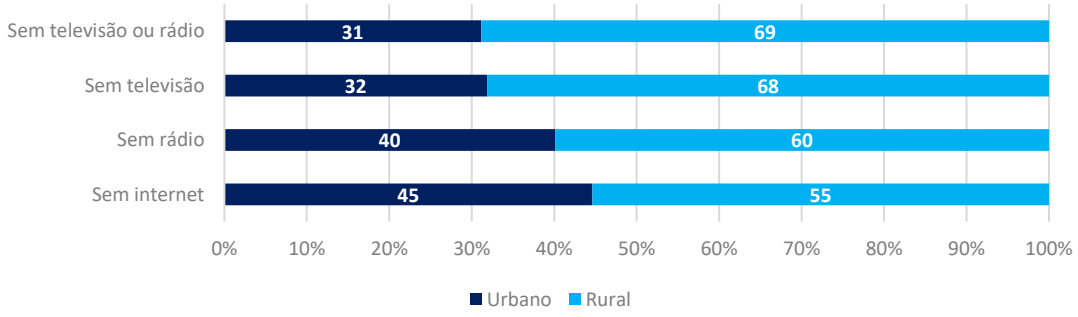
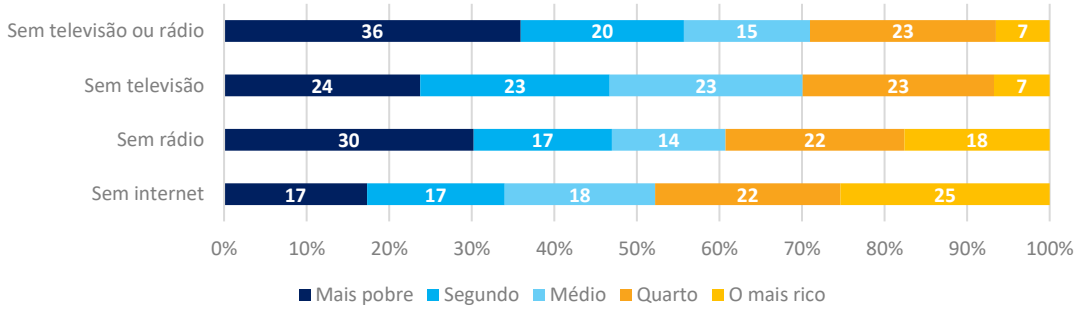


FIGURA 72 Por índice de bem estar socioeconómico



Conclusões

- Meninos e meninas estão quase igualmente representados entre as crianças sem acesso às várias ferramentas de aprendizagem. No entanto, residências rurais tem muito menos acesso, especialmente à rádio e televisão. Quintis mais pobres de económia também estão bem representados entre as residências sem acesso às tecnologias.

TABELA 6. Aprendizagem remoto -- proporções e contagem por várias características socioeconómicas

		Proporção (%) de estudantes de 3 a 24 anos				Contagem de estudantes (3 a 24 anos)			
		Sem internet	Sem rádio	Sem televisão	Sem rádio nem televisão	Sem internet	Sem rádio	Sem televisão	Sem rádio nem televisão
Total		**3**	**66**	**29**	**28**	**276 000**	**576 000**	**229 000**	**229 000**
Sexo	Masculino	3	67	28	28	139 000	301 000	119 000	119 000
	Feminino	3	66	30	28	136 000	275 000	111 000	111 000
Área	Urbano	5	70	50	19	112 000	202 000	77 000	77 000
	Rural	2	63	12	36	153 000	369 000	148 000	148 000
Índice de bem-estar económico	Mais pobre	0	40	0	60	82 000	138 000	82 000	82 000
	Segundo	1	66	1	34	41 000	125 000	41 000	41 000
	Médio	2	74	9	24	37 000	125 000	34 000	34 000
	Quarto	4	68	28	28	57 000	131 000	49 000	49 000
	O mais rico	6	77	82	7	41 000	33 000	13 000	13 000
Região	Tombali	0	66	9	21	9 000	24 000	9 000	9 000
	Quinara	1	70	6	15	11 000	35 000	11 000	11 000
	Oio	0	62	17	43	26 000	57 000	25 000	25 000
	Biombo	0	57	20	27	29 000	55 000	27 000	27 000
	Bolama/Bijagós	0	57	7	13	6 000	12 000	5 000	5 000
	Bafatá	7	70	21	39	31 000	79 000	25 000	25 000
	Gabú	1	73	31	48	20 000	50 000	16 000	16 000
	Cacheu	4	63	9	23	30 000	72 000	29 000	29 000
	SAB	4	69	63	71	49 000	58 000	28 000	28 000
Etnia do Chefe do Agregado Familiar	Fula	5	71	34	50	53 000	121 000	41 000	41 000
	Balanta	1	58	17	35	75 000	143 000	64 000	64 000
	Mandinga	4	71	40	56	23 000	52 000	17 000	17 000
	Manjaco	3	65	25	36	25 000	53 000	21 000	21 000
	Mancanha	5	73	47	57	8 000	17 000	6 000	6 000
	Papel	1	57	30	35	38 000	63 000	31 000	31 000
	Felupe	6	54	8	17	5 000	10 000	5 000	5 000
	Beafada	3	78	23	32	9 000	32 000	7 000	7 000
	Outra etnia	3	72	37	46	27 000	60 000	23 000	23 000

unicef

para cada criança

UNICEF Guiné-Bissau
Fundo das Nações Unidas para a Infância
Prédio das Nações Unidas – Apartado 464
1034 Bissau-Codex
Guiné-Bissau

Web: www.unicef.org/guineabissau
Facebook: UNICEF Guiné-Bissau
Twitter: UNICEF Guinea-Bissau